



UC/FPCE\_2017

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Oportunidades e Recursos para Empreender e  
Potencial Empreendedor dos Estudantes do Ensino  
Superior Politécnico Português**

Ana Sofia Marques de Oliveira Pereira Santos (e-mail:  
asofia.oliveirasantos@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia das Organizações e do  
Trabalho sob a orientação dos Professores Doutores Carla Carvalho,  
Lisete Mónico e Pedro Parreira

## **Oportunidades e Recursos para Empreender e Potencial Empreendedor dos Estudantes do Ensino Superior Politécnico Português**

### **Resumo**

Este trabalho, dividido em dois estudos, procura validar psicometricamente a escala *oportunidades e recursos para empreender* (Pereira, 2001) e estudar o efeito das *oportunidades* e dos *recursos para empreender* no potencial empreendedor de estudantes, controlando os efeitos da preparação académica para o empreendedorismo e o desejo pessoal de empreender. Assim como, compreender quais os fatores que mais e melhor predizem o potencial empreendedor dos estudantes. A amostra foi constituída por 6532 estudantes das 17 instituições de ensino superior politécnico português associadas ao programa Poliemprende, que responderam a um questionário composto por 22 itens sobre oportunidades e recursos para empreender (Parreira, Pereira, & Brito, 2011). Na análise de dados do primeiro estudo foi realizada uma análise fatorial exploratória com metade da amostra dividida aleatoriamente, da qual emergiram quatro fatores (F1- 22.38, F2- 19.77, F3- 10.73, F4- 7.50), responsáveis por 60.37% da variância total. Com a segunda parte da amostra foi realizada uma análise fatorial confirmatória, que apresentou bons índices de ajustamento, NFI = .949, CFI = .954, TLI = .945, RMSEA = .050. A escala apresentou boas qualidades ao nível da fiabilidade e validades convergente e discriminante. O estudo sustentou a robustez psicométrica do instrumento, contribuindo para a sua validação para a população portuguesa. No segundo estudo foram utilizadas as estatísticas descritivas e realizada uma matriz de intercorrelações entre as medidas *oportunidades e recursos para empreender*, *preparação académica*, *desejo de empreender* e *potencial empreendedor* e, posteriormente, efetuada uma regressão múltipla hierárquica. Os resultados obtidos indicam que o potencial empreendedor é em grande medida influenciado pelo desejo de empreender, pela preparação académica obtida, pela estabilidade do negócio percebida e pela perceção de disponibilidade de recursos para empreender. Assim, a aposta da academia no desenvolvimento de competências empreendedoras deve assumir um carácter central para o futuro do empreendedorismo em Portugal (Parreira, Salgueiro-Oliveira, Castilho, Melo, Graveto, Gomes, Vaquinhas, Carvalho, Mónico, Brito, 2016). Algumas limitações e recomendações para investigações futuras serão discutidas.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Influências do Meio; Oportunidades e Recursos para Empreender; Potencial empreendedor; Preparação Académica; Desejo de Empreender; Poliemprende

## **Opportunities and Resources for Entrepreneurship and Entrepreneurial Potential of Portuguese Polytechnic Higher Education Students**

### **Abstract**

This work, divided into two studies, seeks to psychometrically

validate the scale of *opportunities and resources to undertake* (Pereira, 2001) and to study the effect of *opportunities and resources to undertake* on the entrepreneurial potential of students, controlling the effects of academic preparation for entrepreneurship and the personal desire to undertake. As well as understanding what factors better predict the entrepreneurial potential of students. The sample consisted of 6532 students from the 17 Portuguese polytechnic institutions associated with the Poliempreende program, who answered a questionnaire composed of 22 items about opportunities and resources to undertake (Parreira, Pereira, & Brito, 2011). In the data analysis of the first study, an exploratory factorial analysis was performed with half the randomly divided sample, from which four factors emerged (F1-22.38, F2-19.77, F3-10.73, F4-7.50), accounting for 60.37% of the total variance. With the second part of the sample, a confirmatory factorial analysis was performed, which presented good adjustment indices, NFI = .949, CFI = .954, TLI = .945, RMSEA = .050. The scale presented good qualities in terms of convergent and discriminant reliability and validity. The study supported the psychometric robustness of the instrument, contributing to its validation for the Portuguese population. In the second study, descriptive statistics were used and a matrix of intercorrelations between the measures *opportunities and resources to undertake*, *academic preparation*, *desire to undertake* and *entrepreneurial potential* was carried out, and then a hierarchical multiple regression was performed. The results indicate that the *entrepreneurial potential* is influenced to a great extent by the *desire to undertake*, through the *academic preparation* obtained, the perceived stability of the business and the perception of the availability of resources to undertake. Thus, the bet of the academy in the development of entrepreneurial skills must assume a central character for the future of entrepreneurship in Portugal (Parreira, Salgueiro-Oliveira, Castilho, Melo, Graveto, Gomes, Vaquinhas, Carvalho, Mónico, Brito, 2016). Some limitations and recommendations for future investigations will be discussed.

Key Words: Entrepreneurship; Environmental Influences; Opportunities and Resources to Undertake; Entrepreneurial Potential; Academic Preparation; Desire to Undertake; Poliempreende

## **Agradecimentos**

Aos professores Carla Carvalho, Lisete Mónico e Pedro Parreira pelo rigor e exemplo científico, pela ajuda na superação de todos os obstáculos, pela orientação deste trabalho e privilégio de trabalhar nesta equipa, o meu sincero obrigada.

À minha família pelo forte apoio no meu percurso académico. Em especial à minha mãe pela educação, valores, ajuda na persecução dos meus sonhos, amor e apoio incondicional. E ao meu pai pela confiança e por me ensinar que com calma conseguimos alcançar os nossos objetivos.

À minha irmã pelos exemplos de dedicação e trabalho, pelo apoio imprescindível e companheirismo em todos os momentos.

Ao Rui pelo companheirismo, amor, respeito, paciência, suporte e ânimo em todos os momentos desta jornada. As palavras são poucas para te agradecer tudo o que fazes por mim todos os dias.

À Susana, minha força e orgulho no associativismo, companheira de mestrado, melhor amiga, obrigada por estares presente em todos os momentos e por me dares os melhores conselhos.

À Catarina, Inês, Bárbara e Ana Rita o meu muito obrigada por todos os sorrisos e lágrimas e, especialmente, pela amizade mesmo nos momentos em que estive distante.

À Diana por me ter acompanhado na maior loucura académica que podíamos ter feito. À Catarina por ter estado presente nos melhores momentos do mestrado. Ao Pedro Belo pela amizade.

À Alexandra, Ana Rita, Fabrícia e Sofia pelo apoio e partilha nesta fase.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, tornaram este trabalho possível o meu sentido e sincero agradecimento.

## Índice

Introdução .....	1
Estudo 1 - Estudo psicométrico da escala de oportunidades e recursos para empreender .....	2
I – Enquadramento conceptual .....	2
II - Objetivos .....	6
III - Metodologia.....	6
IV - Resultados.....	10
V - Discussão .....	17
Estudo 2 - Relação entre o potencial empreendedor e as oportunidades e os recursos para empreender .....	18
VI – Enquadramento conceptual.....	18
VII - Objetivos.....	22
VII - Metodologia .....	23
IX - Resultados.....	26
X - Discussão .....	30
Conclusões.....	32
Bibliografia.....	33

## Introdução

Desde a origem do ensino do empreendedorismo, que remonta a 1947 na Harvard Business School, que se tem vindo a assistir a uma expansão do tema e da participação de cada vez mais estudantes no mesmo (Lorz, Mueller, & Volery, 2013). Esse crescimento pode ser explicado por diversos fatores, tais como: i) o reconhecimento por parte do governo da importância do empreendedorismo no desenvolvimento sócio-económico de um país/sociedade (Fayolle, Gailly, & Lassas-Clerc, 2006; Matlay, 2008; Mwasalwiba, 2010); ii) o maior investimento no ensino, através de centros de empreendedorismo, de formadores e de investigação neste âmbito (Klandt, 2004); iii) e do maior envolvimento dos estudantes em programas de empreendedorismo (Katz, 2003).

O empreendedorismo enquanto motor de desenvolvimento, riqueza e de criação de emprego remete para a importância da educação e da criação de condições para o seu desenvolvimento (Global Entrepreneurship Monitor, 2010; Parreira et al., 2016; Santos, Caetano, & Curral, 2010; Shane, 2004). Neste sentido, a atividade empreendedora representa um importante papel no desenvolvimento económico de um país, pelo que o seu fomento pode representar uma importante mais-valia face à conjuntura económica atual. No entanto, a complexidade inerente ao empreendedorismo requer a análise de diversos aspetos que influenciam o seu desenvolvimento (Bucha, 2009; Parreira et al., 2016; Santos et al., 2010). No que respeita à educação, Shinnar, Pruett e Toney (2009) defendem que a inserção do empreendedorismo nos currículos académicos contribui para o aumento da intenção empreendedora, surgindo assim a necessidade de estudar o potencial empreendedor dos estudantes (Santos et al., 2010). Paralelamente, Couto e Tiago (2009) salientam a importância de fatores como a nacionalidade, o género, o envolvimento no associativismo estudantil, as características do contexto e os rendimentos que se obtém com uma iniciativa empreendedora, enquanto principais fatores com capacidade preditora do empreendedorismo.

O presente trabalho enquadra-se no programa Poliempreende<sup>1</sup>, e recorreu a uma amostra de estudantes do ensino superior politécnico português para recolha de informação através de um questionário sobre as *motivações pessoais e os fatores facilitadores do empreendedorismo* (Pereira, 2001), centrando-se nos fatores que influenciam o comportamento empreendedor dos estudantes do ensino superior politécnico português. Neste âmbito foi utilizada a escala *oportunidades e recursos para*

---

<sup>1</sup> Ao nível da promoção do empreendedorismo no ensino superior politécnico português, o projeto Poliempreende é um dos programas com maior destaque ao nível do ensino superior. Envolvendo todos os institutos politécnicos visa a promoção do espírito empreendedor nas comunidades académicas, através da realização de oficinas de empreendedorismo, de concursos de ideias de negócio e da apresentação de planos de negócio. Este programa mantém-se em expansão e pretende ser uma referência no empreendedorismo nacional (Parreira, Pereira, & Brito, 2011).

*empreender*, pertencente ao questionário anteriormente referido. Foram realizados dois estudos<sup>2</sup> com o objetivo de validar as características psicométricas da escala, compreender os fatores que influenciam o comportamento empreendedor e estudar a capacidade preditiva de fatores relacionados com o contexto face ao potencial empreendedor dos estudantes.

De forma a enquadrar a investigação procedeu-se, em primeiro lugar, a uma revisão da literatura acerca dos conceitos e fatores centrais associados ao tema. Posteriormente foram tratados os dados recolhidos e analisados os resultados obtidos à luz das perspetivas sustentadas pela literatura. No presente trabalho damos conta desses passos, bem como das limitações encontradas e de algumas propostas de investigação futuras.

## **Estudo 1 - Estudo psicométrico da escala de oportunidades e recursos para empreender**

### **I – Enquadramento conceptual**

#### *-O empreendedorismo*

A noção de empreendedorismo deriva do francês *entrepreneur* que significa estar no mercado entre o fornecedor e o consumidor (Cantillon, 1755; Lobato & Carmo, 2009; Parreira, Pereira, & Brito, 2011; Parreira et al., 2015; Sarkar, 2010). Contudo não parece existir consenso quanto à sua definição, o que para muitos autores constitui, desde logo, um entrave para o seu estudo (e.g., Gartner, 2001; Nazir & Ramzan, 2012; Testas & Moreira, 2014). Quanto às suas origens, Sarkar (2010) e Sexton e Landstrom (2000) referem ainda que só no final dos anos 70 e inícios dos anos 80 se iniciou verdadeiramente a investigação em empreendedorismo de forma rigorosa e sistemática.

Não obstante, algumas noções como a criação, o desenvolvimento de negócios já constituídos, a inovação, e o risco, que por sua vez geram emprego, riqueza e progresso económico, são alguns dos aspetos mais comumente referidos pelos autores como estando associadas ao empreendedorismo (Bourdieu, 1997; Brinkley, 2008; Freeman & Barron, 2006; Global Entrepreneurship Monitor, 2010; Mustapha & Selvaraju, 2015; Nazir & Ramzan, 2012; Shah, Gao & Mittal, 2015; Testas & Moreira, 2014). Segundo o *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) (2010), o empreendedorismo define-se como “qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou nova iniciativa, tal como emprego próprio, uma nova organização empresarial ou a expansão de um negócio existente, por parte de um indivíduo, de uma equipa de indivíduos, ou de negócios estabelecidos” (p.3).

Por sua vez, o agente do empreendedorismo é aquele capaz de assumir riscos e transformar situações ambíguas em oportunidades de negócio de

---

<sup>2</sup> O trabalho apresentado na presente dissertação é resultado da compilação de dois artigos científicos submetidos a publicação, e uma vez que comungam do mesmo tema central, poderá incorrer em algumas redundâncias, em algumas partes do mesmo.

forma a obter sucesso (Bucha, 2009; Bulut & Sayin, 2010; Duarte & Esperança, 2012). Estes últimos autores acrescentam ainda que o empreendedor, para além de procurar novas soluções, é capaz de aplicar estratégias competitivas e de liderar e motivar as suas equipas através de uma atitude de desafio e superação. Neste sentido, o empreendedorismo surge muitas vezes associado às características da personalidade do empreendedor (e.g., Bucha, 2009; Bulut & Sayin, 2010; Parreira, Pereira, & Brito, 2011; Raposo, Paço, & Ferreira, 2008; Sarkar, 2010; Saraiva, 2011). Por outro lado, Shah, Gao e Mittal (2015) defendem que a capacidade de empreender é influenciada pelas características individuais ou de personalidade e pelo meio em que o sujeito se insere. Assim, aspetos como a educação, a cultura, o meio e as experiências de vida são variáveis suscetíveis de influenciar o comportamento empreendedor (Volkman, 2004), sendo, por conseguinte, possível trabalhar e desenvolver estas características (Testas & Moreira, 2014).

Parreira, Pereira e Brito (2011) defendem que os traços de personalidade mais salientes no comportamento empreendedor são a abertura à experiência e a capacidade de inovar, a personalidade pró-ativa, a tolerância ao *stress*, a extroversão e a amabilidade. Não obstante, não parece existir consenso aparente relativamente a este respeito. Ferreira, Santos e Serra (2010) referem que o empreendedorismo não é inato nem intrínseco, sendo as atitudes e os comportamentos que definem verdadeiramente o indivíduo empreendedor. Assim, verifica-se que as perspetivas referidas apontam para uma dualidade entre a influência das características de personalidade e do meio no comportamento empreendedor. Na mesma ótica, Bucha (2009) refere que o empreendedorismo enquanto tema complexo deve ser estudado de forma holística, pelo que esta dualidade de perspetivas representa uma mais-valia para o seu estudo, ao invés de um entrave, como outros afirmam.

Dada a complexidade da ação empreendedora, por um lado, e o impacto positivo do empreendedorismo no desenvolvimento de um país, por outro, o envolvimento de diferentes *stakeholders* revela-se fundamental no suporte e na implementação de novos projetos e iniciativas empreendedoras (Carayannis, 2014; Gibson & Smilor, 1991).

Segundo vários autores (e.g., Carayannis, 2014; Shah, Gao, & Mittal, 2015), o estudo do empreendedorismo pressupõe uma análise dos fatores condicionantes, quer internos – como as características de personalidade e as motivações internas –, quer externos – como a disponibilidade de recursos, a formação, a legislação, as políticas e os níveis de desemprego de uma nação ou país.

#### *-Influências do meio*

A forma como o fator ambiental influencia o desempenho empreendedor tem sido amplamente estudada (e.g., Armington & Acs, 2002; Borges, Mondo, & Machado, 2016; Lichtenstein & Lyons, 2001; Taylor, 2006). Estas investigações têm contribuído com informação relevante para criar condições favoráveis para o desenvolvimento do empreendedorismo no



mercado (Borges, Mondo, & Machado, 2016). De acordo com estes autores o meio consiste num conjunto de fatores exógenos que criam condições para o desenvolvimento de atividades empresariais. Assim, as instituições, os regulamentos, as leis, as políticas, os conhecimentos e as redes constituem fatores ou agentes que influenciam decisivamente a atividade empreendedora. Kuratko e Hodgetts (2001) referem que o ambiente, neste contexto, pode ser definido como o conjunto de oportunidades externas à organização e que a influenciam. Segundo Timmons, Zacharakis e Spinelli (2004) o empreendedorismo, enquanto processo social dinâmico, resulta da interação entre o empreendedor, a equipa, a oportunidade, a ideia e os recursos disponíveis.

Gartner (1975) e Pereira (2001) e Bygrave (2003), por sua vez, sustentam que, ao falar em ambiente, deve ter-se em consideração a disponibilidade de recursos, a existência de mão de obra qualificada, a acessibilidade a fornecedores, os mercados e clientes, as influências governamentais, o poder de compra, as condições da zona de implementação do negócio e o nível da base industrial. Borges, Mondo e Machado (2016) salientam também a importância da cultura, tal como do meio, enquanto fatores capazes de impulsionar ou restringir o desenvolvimento de iniciativas empreendedoras. Nesse sentido, referem que a análise do ambiente deve compreender, entre outros, aspetos económicos, de infraestrutura e políticos. Nesta perspetiva Nayab (2011), aponta também como principais influências do meio as de natureza social e cultural, como as políticas governamentais, as económicas e a disponibilidade de recursos.

As influências de natureza social e cultural dizem respeito à organização social, às atitudes sociais face ao negócio e ao seu início (Shapiro, 1984), e às crenças que têm impacto nos comportamentos e nas atitudes dos indivíduos (Parreira, Pereira, & Brito, 2011). As mudanças demográficas e as mudanças resultantes de estilos de vida mais consumistas são igualmente consideradas influências do meio. No âmbito social destacam-se as redes sociais em que os indivíduos estão inseridos e que influenciam as suas atividades empreendedoras (Aldrich & Zimmer, 1986; Carsud & Johnson, 1989; Parreira, Pereira, & Brito, 2011).

Para estes últimos autores, quanto às influências de natureza política, patentes nas ideologias disseminadas pelo Estado, existe uma tendência para, quanto mais liberal este for, maior a sua visão do empreendedorismo como uma vertente estratégica e de desenvolvimento da sociedade. Uma vez que as políticas têm carácter instável e temporário, sendo ora capazes de encorajar ora de desencorajar o empreendedorismo, são necessários outros apoios, tais como o financiamento, a desburocratização e a criação de infraestruturas, de modo a facilitar o empreendedorismo.

Para além da influência política, e embora relacionado com esta, a organização da economia, o poder de compra e os níveis de confiança na economia de uma determinada sociedade dizem respeito aos fatores de natureza económica. Daí que o desenvolvimento económico da sociedade tenha impacto na criação de oportunidades. Com efeito, é em períodos de maior recessão que surgem grandes oportunidades de negócio (Parreira,

Pereira & Brito, 2011; Parreira et al., 2015). Nesse sentido, alguns autores já em décadas passadas referiam que um clima de apoio revela-se essencial para o desenvolvimento de novos negócios (Shapero, 1984), assim como a existência de clientes para o produto ou serviço criados (Friedlander & Pickle, 1968).

A disponibilidade de recursos é considerada como outro importante fator. A este nível destaca-se a existência de recursos financeiros, humanos, materiais e físicos. Os recursos humanos reportam-se à equipa e sua confiança que permite a concretização do negócio. Igualmente influentes na criação do negócio são os recursos materiais disponíveis para os processos produtivos, assim como os recursos físicos (Parreira, Pereira, & Brito, 2011).

Não obstante o reconhecimento do impacto positivo do empreendedorismo na inovação, na criação de emprego, na produtividade e na economia, persistem, contudo, algumas dificuldades na sua promoção (Sarkar, 2010). Enquanto processo socialmente construído, está sujeito à influência de vários fatores e *stakeholders* (Sousa, 2014), como a cultura, o meio e a educação (Bucha, 2009; Sarkar, 2010). A aversão ao risco e à incerteza e o receio de falhar, assim como o desconhecimento dos apoios e incentivos existentes, o clima económico desfavorável, a carga burocrática associada à criação de uma empresa e a escassez de disciplinas de empreendedorismo no ensino (menor preparação académica, menos conhecimentos neste domínio), constituem fortes obstáculos ao empreendedorismo (Bucha, 2009; Comissão das Comunidades Europeias, 2003; Duarte & Esperança, 2012; Ferreira, Santos, & Serra, 2010).

No entanto, as motivações pessoais, os fatores psicológicos, o ambiente social e a cultura externa de negócios, representam alguns dos facilitadores do empreendedorismo (Nijkamp, 2003). De acordo com Shapero (1984), fatores como o desemprego, a disposição para agir, a credibilidade e a disponibilidade de recursos desempenham um importante papel de alavancagem do empreendedorismo. Deste modo, a valorização do empreendedorismo (Nijkamp, 2003), assim como as mudanças no mercado de trabalho, nas estruturas institucionais e governamentais e na tecnologia, e as alterações sociodemográficas podem promover o empreendedorismo (Acs, 1994; Baumol, 1990; Brock & Evans, 1989; Evans & Leighton, 1989).

Diversos estudos têm sido realizados neste âmbito evidenciando contributos para a melhoria das condições do meio empreendedor (Aldrich, 2000). Por exemplo, Knorr, Alvarez e Urbano (2013) demonstraram que a criatividade, a assunção de riscos e a independência, aumentam a probabilidade de criar um negócio próprio. Por sua vez, Urbano e Alvarez (2014) defendem que a menor burocratização dos procedimentos para abrir uma empresa, a importância atribuída pelos média para os novos negócios, as melhores competências e conhecimentos empresariais e o menor medo do insucesso aumentam a probabilidade de ser empreendedor. Já os estudos conduzidos por Kibler e Kautonen (2016) revelaram a influencia das normas morais na sociedade sobre o empreendedorismo, sendo que quanto maior a perceção do grau de legitimidade moral maior a probabilidade de criar um negócio. Por outro lado, Qian e Miao (2016) referem que fatores pessoais

como o medo de arriscar influenciam negativamente o empreendedorismo. No entanto, o aumento do conhecimento e a existência de uma cultura promotora da autonomia influenciam negativamente o medo e, conseqüentemente, encorajam a atividade empreendedora. Segundo Parreira, Pereira e Brito (2011), a nível nacional os empreendedores destacam oito fatores da influência do meio: expectativa de lucro, predisposição para a procura de incentivos, de facilidade de fornecimento, de facilidade de criar uma estrutura, de aproveitar insucessos de outras empresas, de facilidade em identificar os clientes, de apoio familiar e facilidade na criação de uma empresa e de facilidade em identificar e conhecer a concorrência.

Ao nível do empreendedorismo, a análise dos fatores do meio permite perceber que as condições criadas têm impacto no presente e no futuro. Contudo, também a educação promovida pela academia e as características pessoais têm um importante papel na promoção do empreendedorismo. Segundo alguns autores (e.g., Borges, Mondo, & Machado, 2016), paralelamente, a compreensão destas influências é relevante para a realização de melhorias de forma a impulsionar o empreendedorismo, e conseqüentemente, a economia. Neste sentido, reforçamos a importância de desenvolver estudos neste âmbito, começando por criar e validar instrumentos adequados a estes objetivos. As investigações prévias realizadas por Parreira, Pereira e Brito, desde 2011, e por Parreira et al. (2015) têm vindo a destacar-se nesta área, pretendendo dar resposta à questão *qual o potencial empreendedor do estudante do Ensino Superior Politécnico?*, tendo por base o projeto Poliemprende.

## **II - Objetivos**

O objetivo principal do presente estudo reside no desenvolvimento e validação de um instrumento de medida que permita avaliar as perceções sobre as influências contextuais no empreendedorismo. Nesse sentido, foram estudadas as características psicométricas da escala *oportunidades e recursos para empreender*, dando continuidade aos estudos desenvolvidos no âmbito do projeto Poliemprende.

Não obstante o desenvolvimento de investigação, uma pesquisa sistemática da literatura em bases de dados indexadas, revelou a inexistência de um instrumento validado, em Portugal, que permita avaliar o papel das influências contextuais no empreendedorismo. Como tal, considera-se essencial criar e analisar as propriedades psicométricas de um instrumento de medida, adaptado à realidade portuguesa, que avalie as influências do meio no comportamento empreendedor. A construção de instrumentos de medida, devidamente validados e adaptados, possibilitam o desenvolvimento de programas de intervenção que visam satisfazer as necessidades e superar as dificuldades a este nível, promovendo o empreendedorismo em Portugal.

## **III - Metodologia**

### *Amostra*

Os dados da amostra foram recolhidos por meio de questionário junto

dos estudantes das 17 instituições de ensino superior politécnico português associadas ao programa Poliempree. A amostra foi constituída por conveniência e estratificada por área de curso (saúde, gestão, tecnologias e ciências sociais) e anos das licenciaturas em cada instituição, bem como por género, condição perante o ensino, estado civil e existência de familiares empresários.

Preconizou-se a recolha de 40 questionários por cada ano de licenciatura de cada uma das áreas referidas, obtendo-se uma amostra de 6532 estudantes, com uma média de idades de 22 anos, sendo a idade mínima e máxima, respetivamente, de 17 e 59 anos. A maioria da amostra é do sexo feminino, representando 64% da amostra.

**Quadro 1. Caracterização sociodemográfica da amostra**

	Amostra 1 (N = 6532)		Amostra 2 (N =3197)	
	n	%	n	%
<i>Sexo</i>				
Masculino	1117	34.2	1135	34.8
Feminino	2099	64.3	2095	64.1
Não resposta	50	1.5	36	1.1
<i>Área do curso</i>				
Saúde	903	27.6	913	28.0
Tecnológicas	805	24.6	842	25.8
Ciências sociais	664	20.3	672	20.6
Gestão	771	96.2	729	22.3
Não resposta	123	3.8	110	3.4
<i>Ano do curso</i>				
1º	1027	31.4	1028	31.5
2º	1122	34.4	1096	33.6
3º	818	25.0	888	27.2
4º	247	7.6	215	6.6
Não resposta	52	1.6	39	1.2
<i>Condições perante o ensino</i>				
Estudante	2260	81.4	2699	82.6
Trabalhador estudante	551	16.9	526	16.1
Não resposta	55	1.7	41	1.3
<i>Estado civil</i>				
Solteiro(a)	2910	89.1	2926	89.6
Divorciado(a)	54	1.7	35	1.1
Casado(a)	197	6.0	212	6.5
União de facto	51	1.6	57	1.7
Não resposta	54	1.7	36	1.1
<i>Instituto politécnico</i>				

IP Beja	226	6.9	243	7.4
IP Bragança	130	4.0	125	3.8
IP Castelo Branco	173	5.3	214	6.6
IP Cávado e Vale do Ave	158	4.8	164	5.0
IP Coimbra	260	8.0	253	7.7
IP Guarda	241	7.4	222	6.8
IP Leiria	241	7.4	251	7.7
IP Lisboa	156	4.8	120	3.7
IP Portalegre	67	2.1	83	2.5
IP Porto	227	7.0	221	6.8
IP Santarém	251	7.7	249	7.6
IP Setúbal	197	6.0	208	6.4
IP Viana Castelo	254	7.8	223	6.8
IP Viseu	271	8.3	278	8.5
IP Tomar	95	2.9	92	2.8
ESEnfC	85	2.6	100	3.1
EST-UA Algarve	234	7.2	220	6.7

### *Medidas*

A recolha de dados foi efetuada com recurso ao método do inquérito por questionário autoadministrado com vista a operacionalizar os objetivos de investigação (Parreira, Pereira, & Brito, 2011).

O questionário intitula-se “motivações pessoais e fatores facilitadores do empreendedorismo” e foi criado por um painel de cinco *experts* de diferentes áreas. O seu desenvolvimento teve por base as escalas sobre os motivos para a criação de empresas, as influências sociais e do meio e os apoios para a criação de empresas. Estas escalas tiveram em consideração o trabalho desenvolvido pela *Society for Associated Researchers on International Entrepreneurship* (SARIE) e no qual contribuíram diversos teóricos reputados (e.g., Aldrich, Rozen, & Woodward, 1987; Baumol, 1990; Shapero & Sokol, 1982). Para além disso, foram ainda considerados os motivos empresariais de McClelland (1961), os trabalhos de Pereira (2001) no âmbito das representações sociais dos empresários, bem como as questões pertinentes provenientes da realidade, quer relativa às instituições, quer relativa ao projeto Poliemprende.

Tal como referido, o trabalho de Pereira (2001) incidiu sobre o estudo piloto do questionário intitulado “motivações pessoais e fatores facilitadores do empreendedorismo”, do qual faz parte a escala *oportunidades e recursos para empreender* composta por 22 itens. Deste estudo piloto surgiu o instrumento estudado na presente investigação, composto pelas 22 questões iniciais. Aos respondentes foi solicitado que, aos 22 itens, respondessem usando uma escala de *likert* de cinco pontos (1= pouco importante/influente a 5= muito importante/influente) (Parreira, Pereira, & Brito, 2011).

### *Procedimentos*

Oportunidades e Recursos para Empreender e Potencial Empreendedor dos Estudantes do Ensino Superior Politécnico Português  
 Ana Sofia Marques de Oliveira Pereira Santos (e-mail: asofia.oliveirasantos@gmail.com) 2017

Os questionários foram distribuídos aos coordenadores do concurso Poliempree de responsáveis pela recolha em cada instituição. Foram cumpridos os pressupostos éticos de uma investigação, designadamente informação, consentimento informado e anonimato dos participantes.

#### *Tratamento estatístico dos dados*

Foram eliminados os questionários com mais de 10% de não-respostas. Os restantes *missing-values*, todos MCAR, foram substituídos pelo método *series mean*. Previamente à realização das análises fatoriais exploratória e confirmatória, averiguou-se a distribuição dos itens pelas cinco opções de resposta. As frequências relativas confirmaram que os itens se distribuem por todas as opções de resposta da escala, nenhuma opção absorvendo significativamente mais de 50% de respostas.

A análise fatorial exploratória (AFE) realizou-se através de uma Análise em Componentes Principais (ACP) com o programa SPSS (IBM, v. 22.0) com 50% da amostra (N = 3266), aleatoriamente distribuída (comando *rv. uniform*). Testaram-se os pressupostos de uma correta ACP através da dimensão da amostra, da normalidade e linearidade das variáveis, bem como dos valores extremos (*outliers*), fatorabilidade do R e adequação amostral (Tabachnick & Fidell, 2013). Optámos por utilizar o método de rotação *Varimax*, dado que pretendemos obter fatores tão distintos quanto possível.

As análises fatoriais confirmatórias (AFC) foram feitas com o software AMOS, v. 22 (Arbuckle, 2010), com a segunda metade da amostra aleatoriamente distribuída. Recorreu-se ao método de estimação da máxima verosimilhança (*Maximum Likelihood*). A fiabilidade compósita e a variância média extraída para cada fator foram analisadas como descrito em Fornell e Larcker (1981). A existência de *outliers* foi avaliada pela distância quadrada de Mahalanobis (Tabachnick & Fidell, 2013), não tendo sido encontrados valores que considerámos relevantes. A normalidade das variáveis foi analisada pelos coeficientes de assimetria (Sk) e de curtose (Ku). Nenhuma das variáveis apresentou valores de Sk e Ku que pudessem indicar violações da distribuição normal, sendo que  $|Sk| < 1.5$  e  $|Ku_{univariada}| < 2$ .

A qualidade do ajustamento global dos modelos fatoriais foi feita pelos índices de NFI (*Normed of fit index*; bom ajustamento  $> .80$ ; Schumacker & Lomax 1996), SRMR (*Standardized Root Mean Square Residual*; ajustamento apropriado  $< .08$ ; Brown 2006), TLI (Tucker-Lewis Index; ajustamento apropriado  $> .90$ ; Brown, 2006), CFI (*Comparative fit index*; bom ajustamento  $> .90$ ; Bentler 1990), RMSEA (*Root Mean Square Error of Approximation*; bom ajustamento  $< .05$ , ajustamento aceitável  $< .08$ ; Kline 2011; Schumacker & Lomax 1996; Marôco, 2011) e  $X^2/gl$  (ajustamento aceitável  $\leq 5$ ; bom ajustamento  $\leq 2$ ; Marôco, 2011; Schumacker & Lomax, 1996).

O aperfeiçoamento do ajustamento do modelo foi avaliado pelos índices de modificação (IM; Bollen, 1989), tendo-se ponderado libertar os parâmetros com maior IM. Seguimos a sugestão de Arbuckle (2010), que indica analisar os IM através da sua significação estatística, considerando o

valor de  $\alpha = 0.05$ . Outro critério utilizado centrou-se em Marôco (2011), que aconselha ser mais seguro modificar os parâmetros com IM superiores a 11 ( $p < .001$ ).

A fidedignidade foi avaliada através do cálculo do coeficiente *alpha de Cronbach* (Nunnally 1978), tanto para a escala global como para as dimensões constituintes de cada escala. Seguimos a indicação de Hair, Black, Babin e Anderson (2010), que refere coeficientes de consistência interna superiores a .70 o para indicar adequada convergência e consistência interna. Entre outros autores, Hill e Hill (2012) apontam o valor de .80 como indicador de uma boa consistência interna.

#### IV - Resultados

##### *Análise fatorial exploratória*

Tal como referido anteriormente, realizou-se uma AFE com 50% da amostra aleatoriamente distribuída. Atendendo aos critérios propostos em termos de dimensão da amostra (Bryman & Cramer, 1993; Gorsuch, 1983), é necessário um mínimo de 100 participantes por análise e uma razão de cinco sujeitos por item. A razão encontrada para a escala sobre oportunidades e recursos para empreender é de 148 participantes por cada item.

Todos os requisitos necessários a uma interpretação fiável da ACP foram cumpridos. Verificou-se que a matriz de intercorrelações difere da matriz de identidade, na medida em que o teste de Bartlett indica um  $\chi^2(231) = 33518.22$ ,  $p < .001$ , e a amostragem revela-se adequada, já que o valor obtido para a medida de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) é superior a .70 (obteve-se um valor de  $KMO = .921$ ). Tanto o critério do *eigenvalue* superior à unidade como o *scree plot* indicaram a retenção de quatro fatores, responsáveis por 60.37% da variância total.

O primeiro fator extraído – *disponibilidade de recursos* – explica 22.38% do total da variância e agrega os itens referentes aos recursos necessários ao empreendedorismo, tais como a disponibilidade de mão-de-obra qualificada, equipamentos, recursos humanos e financeiros. O segundo fator – *estabilidade do negócio* – explica 19.77% e envolve itens referentes às vendas, lucros, existência de clientes e de incentivos. O terceiro fator – *instabilidade económica e política* – explica 10.73% da variância total e engloba itens relativos à existência de negócios falidos no setor e área de residência, bem como as características de mercado e a estabilidade política. Por último, o quarto fator – *oportunidades de negócio* – explica 7.50% da variância e agrega os itens relativos a existência de negócios no setor e área de residência. As saturações fatoriais e as comunalidades de cada um dos fatores são expostas no Quadro 2 e encontram-se dispostas por ordem decrescente. Todos os itens saturam o respetivo fator acima de .45 (Tabachnick & Fidell, 2013).

O coeficiente de consistência interna *alpha de Cronbach* apresentou um valor indicativo de uma excelente fiabilidade,  $\alpha = .903$ . A consistência interna dos fatores 1 a 3 é igualmente boa, já que superior a .80 (Nunnally, 1978). O fator 4, ainda que apenas com dois itens, mostrou-se igualmente consistência, com um *alpha de Cronbach* considerado aceitável (Nunnally,

1978).

**Quadro 2. Medida oportunidades e recursos para empreender: saturações fatoriais, comunalidades (h<sup>2</sup>, eigenvalues, proporções de variância explicada e coeficientes de consistência interna para a solução com 4 fatores)**

Itens:	Fatores				h <sup>2</sup>
	1	2	3	4	
01- Disponibilidade de mão de obra especializada em novas tecnologias	.799				.689
02-Disponibilidade de mão de obra especializada	.773				.634
03-Disponibilidade de máquinas e equipamentos no mercado	.757				.538
04-Disponibilidades de fornecedores	.756				.626
05-Disponibilidade de gestores	.737				.603
06-Disponibilidade de capital nas Instituições financeiras	.694				.606
07-Disponibilidade de capital por parte dos clientes e fornecedores	.633				.549
17-Existência de clientes interessados no produto / serviço	.541				.573
08-Facilidade em identificar o cliente tipo		.696			.529
09-As vendas do sector pretendido serem estáveis		.695			.614
10-As margens de lucro no sector pretendido serem estáveis		.694			.628
11-Clientes de fácil acesso		.657			.530
12-Existência de grandes incentivos para encorajar o início do negócio		.606			.506
13-A tecnologia no sector pretendido ser estável		.598			.515
14-Clientes na sua maioria locais		.583			.404
15-A expansão da economia local		.582			.475
16-Existência no mercado de produtos / similares mas não iguais		.497			.361
18-Existir um grande número de negócios falidos no sector pretendido			.896		.835
19-Existir um grande número de negócios falidos na área onde vivo			.858		.792
20-Existir incerteza política no país			.776		.614
21-Existir um grande número de negócios na área onde vivo				.834	.795
22-Existir um grande número de negócios no sector pretendido				.800	.765
<i>Eigenvalues:</i>	4.92	4.35	2.36	1.65	
% variância explicada	22.38	19.77	10.73	7.50	
<i>Alpha de Cronbach</i>	.901	.861	.828	.773	
<i>M (DP)</i>	3.85	3.82	2.96	3.28	
	(0.69)	(0.61)	(1.08)	(0.94)	

### *Análise fatorial confirmatória*

Oportunidades e Recursos para Empreender e Potencial Empreendedor dos Estudantes do Ensino Superior Politécnico Português  
 Ana Sofia Marques de Oliveira Pereira Santos (e-mail:asofia.oliveirasantos@gmail.com) 2017



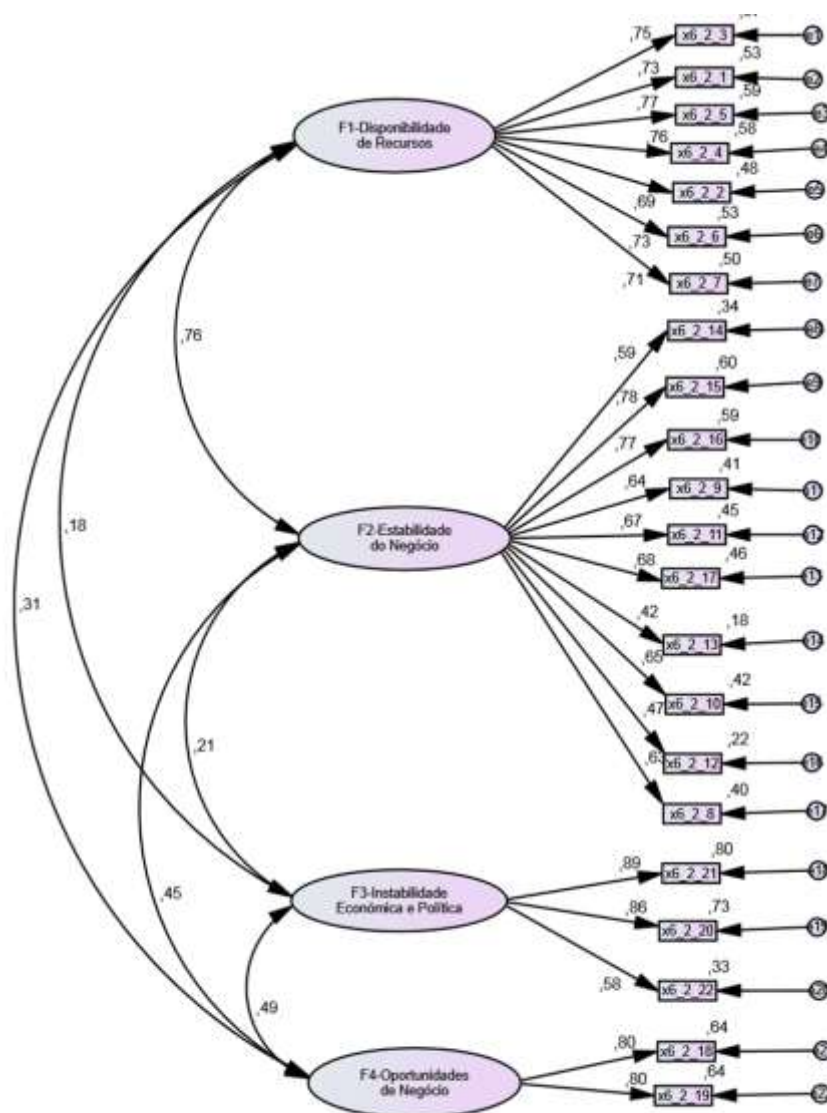
A AFC foi realizada com base na segunda metade da amostra aleatoriamente distribuída.

A análise fatorial confirmatória realizou-se tendo mostrado índices de ajustamento bons atendendo ao NFI= .876 (Schumacker & Lomax, 1996) e ao SRMR= .056 (Brow, 2006) e aceitáveis considerando os índices TLI= .864 (Brown, 2006), CFI= .881 (Bentler, 1990) e RMSEA= .078 (Kline, 2011; Marôco, 2011; Schumacker & Lomax, 1996), confirmando a estrutura dimensional encontrada previamente na ACP (ver Quadro 2). A representação gráfica do modelo unidimensional estimado indica-se na Figura x. Os coeficientes de regressão estandardizados variaram entre .411 e .893.

**Quadro 3. Índices de ajustamento obtidos na análise fatorial confirmatória à escala oportunidades e recursos para empreender**

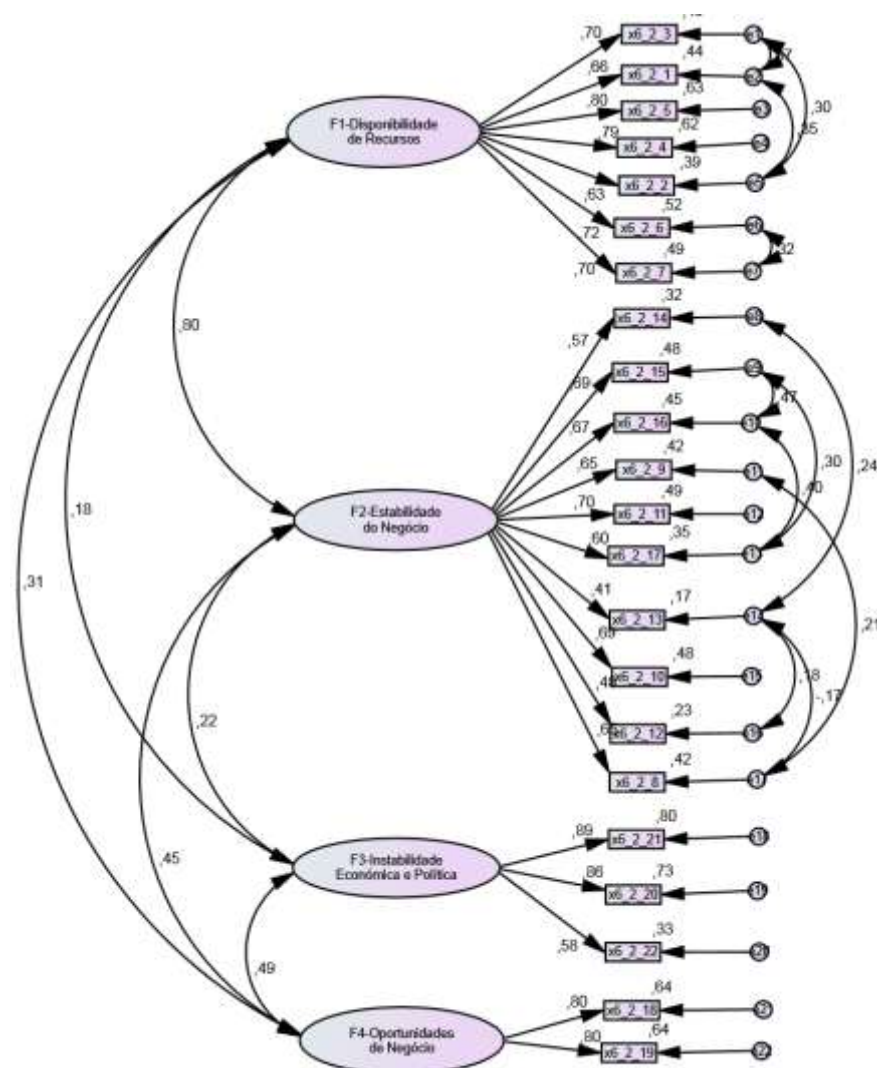
Modelo	NFI	SRMR	TLI	CFI	$\chi^2/gf$	RMSEA	
						RMSEA	Intervalo de Confiança 90%
1	.876	.056	.864	.881	20.69*** (gl=203)	.078	.076-.080*
2	.949	.045	.945	.954	9.02*** (gl=192)	.050	.048-.052 *

\*  $p < .001$



**Figura 1. Modelo 1 estimado para a escala oportunidades e recursos para empreender com 22 itens: coeficientes de regressão estandardizados ( $\lambda$ ) e proporções de variância explicada ( $R^2$ )**

Com base nos índices de modificação superiores a 100 correlacionaram-se os erros associados às variáveis observadas dos fatores *Disponibilidade de recursos* e *Estabilidade do negócio* (ver Figura 2). A qualidade do ajustamento do modelo melhorou consideravelmente, todos os índices mostrando um bom ajustamento (ver índices de ajustamento do modelo 2 no Quadro 3).



**Figura 2. Modelo 2 após correlacionar os erros com base nos índices de modificação: coeficientes de regressão estandardizados ( $\lambda$ ) e proporções de variância explicada (R<sup>2</sup>)**

A consistência interna da escala na segunda amostra foi igualmente estimada pelo coeficiente de *alpha de Cronbach*. A escala global mostrou uma excelente consistência interna. Os fatores F1, F2 e F3 mostraram uma boa consistência interna e o F4 uma consistência interna aceitável (ver quadro 4).

Os índices de fidedignidade composta foram também bons (ver quadro 4), visto serem superiores a .70 (Hair, Anderson, Tatham, & Black, 2008). Na variância média extraída, todos os fatores se situarem acima de .50, coeficiente igual ou acima do qual, segundo Bagozzi e Yi (1988), se considera um valor aceitável para a variância extraída, indicando a presença de validade convergente entre os itens de cada fator (Fornell & Lacker, 1981). Atendendo ao quadrado dos coeficientes de correlação, verificamos

que estamos em presença de validade discriminante, dado que a proporção de variância extraída de cada fator supera o quadrado das correlações ( $R^2$ ) entre cada par de fatores (Fornell & Lacker, 1981).

A correlação mais forte encontrada é de .669 entre o fator *disponibilidade de recursos* (F1) e o fator *estabilidade do negócio* (F2). Entre o fator *disponibilidade de recursos* (F1) e os fatores *instabilidade económica e política* (F3) e *oportunidades de negócio* (F4) as correlações encontradas foram de .148 e .255, respetivamente. Por sua vez, a correlação entre F2 e F3 é de .210, e de .397 entre F2 e F4. A correlação entre F3 e F4 é de .413. Quanto à média dos quatro fatores é de 3.86, 3.82, 2.96 e 3.29, respetivamente.

**Quadro 4. Fiabilidade compósita (FC), variância média extraída (VE), valores de consistência interna e descritivas da escala oportunidades e recursos para empreender e fatores constituintes**

	FC	VE	A	M	DP	F1	F2	F3	F4
Escala global	-	-	.921	3.72	0.54	.787*	.950*	.412*	.528*
F1-Disponibilidade de Recursos	.945	.711	.890	3.86	0.68	1	.669*	.148*	.255*
F2-Estabilidade do Negócio	.955	.686	.865	3.82	0.59		1	.210*	.397*
F3-Instabilidade Económica e Política	.826	.620	.809	2.96	1.05			1	.413*
F4-Oportunidades de Negócio	.778	.634	.778	3.29	0.96				1

\*  $p < .001$

## V - Discussão

Da revisão de literatura encetada sobre a temática em discussão sobressai a importância do empreendedorismo como motor do crescimento e prosperidade económica, social e tecnológica dos países (Parreira et al., 2016).

O modelo-teórico do GEM (1999) salienta a existência de um conjunto de condições capazes de fomentar o empreendedorismo, de entre as quais se destacam os apoios, as infraestruturas, a estabilidade económica e a formação para o empreendedorismo. A perceção de oportunidades, condições e capacidades permite dar origem a um novo negócio, sendo a intensidade do dinamismo dos negócios determinante para o crescimento económico. Tendo em consideração a importância destas condições, consideradas como estruturantes e mediadoras da inovação e crescimento económico, torna-se essencial estudar e avaliar o seu impacto. Esse estudo impulsionará o empreendedorismo e possibilitará o aperfeiçoamento das condições por parte dos governos e instituições de ensino e formação.

De acordo com o modelo do GEM, no que concerne aos fatores do meio envolvente que têm impacto no empreendedorismo, os incentivos, a disponibilidade de políticas e de programas de apoio, a disponibilidade de recursos, a estabilidade do mercado, assim como a perceção de oportunidades no mercado, consistem nos fatores que podem ser tidos em consideração *per si*. No entanto, uma visão global das influências do empreendedorismo torna-se vantajosa, uma vez que este consiste num processo ao qual está subjacente um conjunto de diferentes fatores, agentes e contextos (GEM, 1999).

Como tal, a criação de instrumentos de medida que permitam medir em concreto as influências sociais e do meio é, a nosso ver, uma mais-valia. A identificação de lacunas existentes ao nível das condições proporcionadas pelas diversas entidades permite identificar melhorias e, conseqüentemente, potenciar as intenções empreendedoras. Paralelamente, a criação de instrumentos de medida contribui para dar ênfase à importância do empreendedorismo, quer na comunidade científica, quer na comunidade empresarial e para o fomentar.

Dada a inexistência, em Portugal, de instrumentos de medida que meçam especificamente as oportunidades e os recursos necessários para empreender, nomeadamente alguns fatores do meio envolvente e as influências empresariais no comportamento empreendedor, é de realçar a importância do desenvolvimento de estudos nesta área e da validação das características psicométricas de instrumentos como o apresentado nesta investigação.

Em termos de resultados, a análise estatística dos dados revelou um bom ajustamento do modelo preconizado, sendo o modelo 2 o mais adequado na medição das influências do meio no empreendedorismo. O presente estudo sustenta a robustez psicométrica do instrumento em análise, validado para a população portuguesa. No entanto, a especificidade da amostra, composta somente por estudantes do ensino superior politécnico

português, a recolha de dados por meio de questionário e o tipo de estudo *cross-sectional*, ao invés de longitudinal, apresentam-se como limitações ao presente estudo. A complexidade do contexto em que se desenvolve o empreendedorismo e a sua pertinência justificam o desenvolvimento de investigação neste domínio, em outras populações/amostras, em outras culturas e em outros tipos de estudantes, por exemplo.

Tendo em consideração a complexidade do estudo do empreendedorismo, as características sociodemográficas e o perfil de competências empreendedoras apresentam-se como outros fatores possivelmente relacionados. Deste modo, a investigação neste domínio com o presente instrumento deve ser complementada com recurso a outros instrumentos que incidam sobre as características internas e sociodemográficas dos estudantes, tentando captar as diferentes dimensões do conceito de empreendedorismo.

Em síntese, o presente artigo assume-se com um contributo válido na medição dos fatores do meio na promoção do empreendedorismo e que possibilitará, conjuntamente com outros instrumentos de medida dos fatores condicionantes do empreendedorismo, obter uma visão holística integradora deste complexo processo (de empreender com sucesso). Paralelamente, a validação de instrumentos de medida poderá contribuir para a sua replicação noutros países e, conseqüentemente contribuir para o desenvolvimento do empreendedorismo no mundo. É de salientar a importância da academia desenvolver programas e incluir nos seus planos de cursos disciplinas ligadas ao empreendedorismo que permitam aos estudantes desenvolver o seu potencial empreendedor e fomentar a criação do seu próprio emprego, independentemente da área científica.

## **Estudo 2 - Relação entre o potencial empreendedor e as oportunidades e os recursos para empreender**

### **VI – Enquadramento conceptual**

#### *-O Potencial empreendedor*

O empreendedor é responsável pela ação de empreender, sendo influenciado por diversos fatores, tais como aspetos sócio-culturais, económicos, políticos, educativos e pelas suas próprias características pessoais, incluindo a personalidade. Schmidt e Bohnenberger (2009) definem o empreendedor como um indivíduo auto-eficaz, social, inovador, persistente, líder, capaz de detetar oportunidades, de planear e de assumir riscos calculados. De igual modo, para Santos e colegas (2010), o empreendedorismo está associado às características psicológicas e da personalidade do empreendedor.

A revisão de literatura aponta aspetos como as motivações, as características psicológicas, sociodemográficas, sociais e do meio como os grandes fatores associados ao sucesso do empreendedorismo (Kirby, 2004; Santos, 2008). No entanto, vários autores agrupam de forma diferente as diversas características associadas ao potencial empreendedor, como de

seguida explicitaremos.

Santos e colaboradores (2010) defendem a existência de quatro principais características associadas ao potencial empreendedor – as motivações empreendedoras, as competências psicológicas, as competências sociais e as competências de gestão. As motivações empreendedoras espelham a energia e o esforço despendidos em prol da atividade empreendedora. Os atributos e aptidões característicos dos indivíduos dizem respeito às competências psicológicas, enquanto as competências sociais se referem à capacidade de interagir eficazmente com os outros. E, por fim, as capacidades de gestão de negócios expressam as competências de gestão.

Por outro lado, um outro autor (e.g., Santos, 2008) propõe um modelo composto por três dimensões – Realização, Planeamento e Poder – e uma dimensão complementar denominada – Intenção empreendedora<sup>3</sup> – a qual está relacionada com o desejo de empreender. Para o referido autor, a realização diz respeito ao reconhecimento de oportunidades, à persistência e à eficácia. Por sua vez o planeamento refere-se ao estabelecimento de objetivos, procura de informação, planeamento contínuo e controlo permanente. A capacidade de persuasão e o estabelecimento de relações caracterizam o poder. Já a intenção empreendedora traduz-se no desejo de ter um negócio próprio, que é potenciado perante a existência de condições favoráveis (Santos, 2008; Souza, Santos, Lima, Cruz, & Lezana, 2016). No entanto, segundo Souza e colaboradores (2016), o indivíduo pode apresentar características empreendedoras e não ter necessariamente desejo de empreender.

Neste sentido, Ferreira, Santos e Serra (2010) defendem que são as atitudes e os comportamentos do indivíduo que o definem enquanto empreendedor e não os traços de personalidade ou as características inatas. Entre outros fatores que podem contribuir para a intenção empreendedora encontram-se a família e a rede de relações sociais que desempenham um papel de exemplo a seguir e de suporte (Anderson, Jack, & Drakopoulou, 2005; Bagheri & Pihie, 2010; Greene & Saridakis, 2007; Mustapha & Selvaraju, 2015; Qian & Miao, 2016). Assim, a educação, as experiências de vida, a cultura e o meio podem contribuir para o desenvolvimento das competências empreendedoras e para o desejo de empreender (Souza et al., 2016; Testas & Moreiras, 2014; Volkmann, 2004).

Tal como referido anteriormente, o objetivo deste estudo foi estudar o efeito das oportunidades e dos recursos para empreender no potencial empreendedor de estudantes do Ensino Superior Politécnico Português, controlando os efeitos da preparação académica para o empreendedorismo e o desejo pessoal de empreender.

Apesar de reconhecermos, tal como outros autores, que ao potencial empreendedor estão associadas outras características, neste capítulo iremos

---

<sup>3</sup> Fini, Grimaldi, Marzocchi e Sobrero (2009) definem intenção empreendedora como um plano pessoal de ações e metas, influenciado por fatores contextuais, aspetos motivacionais e atitudinais, a ser implementado futuramente tendo em vista a criação do próprio negócio.



centrar a nossa atenção nas influências do meio<sup>4</sup>.

*-Influências do meio*

Reconhecido o impacto dos aspetos da personalidade, dos conhecimentos e da experiência no empreendedorismo (Karabulut, 2016), é igualmente importante analisar o papel do contexto no sucesso do empreendedor (Liñán & Fayolle, 2015).

No que diz respeito ao contexto no qual a atividade empreendedora se desenvolve, podemos encontrar a disponibilização de recursos, as condições económicas e políticas e a existência de oportunidades de negócio, entre outras, como variáveis facilitadoras.

De acordo com Sahasranamam e Sud (2016) a capacidade de mobilizar recursos (humanos, sociais, materiais e financeiros) permite ultrapassar os desafios inerentes à prossecução de oportunidades e à criação de um negócio. Ao nível dos recursos humanos a educação contribui para o desenvolvimento de conhecimentos e de competências que permitem ao indivíduo identificar e explorar oportunidades de negócio. Paralelamente, as redes sociais e a família assumem um papel de suporte emocional e modelos de exemplo. No entanto, os recursos materiais e financeiros são fundamentais para a concretização do negócio.

O desenvolvimento económico e político da sociedade pode determinar o sucesso do empreendedorismo (Engle, Schlaegel, & Dimitriadi, 2011; Fayolle & Liñán, 2014). De acordo com North (2005), a capacidade económica compreende a produtividade, as redes institucionais e a herança cultural. A cultura da sociedade molda os comportamentos dos indivíduos, nomeadamente no que se refere à inovação, mudança e perceção de oportunidades económicas. Assim, as instituições (universidades, redes sociais, contexto regional, mídia ou cultura) moldam a interação humana tendo a capacidade de restringir ou facilitar a criação de um novo negócio (Fayolle & Liñán, 2014; Liñán & Fayolle, 2015). O desempenho da sociedade compreende ainda a existência de leis, políticas, regulamentos e incentivos que apoiam a criação de negócios (Borges, Mondo, & Machado, 2016). Assim, a intenção empreendedora depende da criação de um contexto favorável (Liñán & Fayolle, 2015), nomeadamente através da disponibilização de recursos necessários ao funcionamento do negócio (Borges et al., 2016).

A economia por sua vez, influencia igualmente as oportunidades de negócio. Segundo Engle e colaboradores (2011) a ação empreendedora surge também por via da identificação de necessidades ou de oportunidades. O empreendedorismo que emerge por via da necessidade reflete a perceção de inexistência de oportunidades para fazer face às suas necessidades económicas básicas, através de oportunidades de emprego. Por outro lado, o empreendedorismo designado por oportunidade resulta da perceção do

---

<sup>4</sup> Contudo, no seio da equipa de investigação e no âmbito do potencial empreendedor e do projeto Poliempreende, estão a ser desenvolvidos outros estudos que pretendem investigar as motivações empreendedoras, os apoios ao empreendedorismo e a auto-eficácia no empreendedorismo.

indivíduo de uma oportunidade de exploração do mercado. De acordo com Lindsay, Lindsay e Kropp (2008) e Saywell (2002) a intenção empreendedora difere consoante os tipos de empreendedorismo. Os empreendedores por necessidade não recorreriam ao empreendedorismo tendo a possibilidade de um emprego por conta de outrem. Por outro lado, o empreendedorismo por oportunidade resulta, em grande parte, do bom funcionamento, suporte e geração de oportunidades baseadas em inovação oferecidas, frequentemente pelas instituições.

A análise da influência do meio no comportamento empreendedor permite que surjam novas interpretações deste processo, ao mesmo tempo que incentiva as instituições a promoverem o desenvolvimento do empreendedorismo (Borges et al., 2016), nomeadamente através do ensino e do desenvolvimento de competências.

#### *-Educação para o desenvolvimento do empreendedorismo*

De acordo com Hamidi, Wennberg e Berglund (2008), desenvolver conhecimentos e capacidades são fatores que contribuem fortemente para o sucesso do empreendedorismo.

Duarte e Esperança (2012) defendem que o sistema educativo pode contribuir para dar resposta à atual crise e elevado desemprego no país e na União Europeia. Corroborantes com esta perspetiva, Ferreira e colaboradores (2010) salientam que a atitude empreendedora constitui uma alternativa ao trabalho assalariado, pelo que é essencial investir na formação de empreendedores, de forma a se desenvolverem as necessárias competências para a criação de valor.

A comissão das comunidades europeias (2006) salienta que o desenvolvimento de competências empreendedoras deve ser incluído nos currículos académicos através de objetivos específicos e de orientações claras para a sua aplicação prática. Enfatiza ainda que os benefícios vão além da mera criação de novos negócios. O desenvolvimento de competências, de criatividade e de auto-confiança nos estudantes conduz a ações socialmente mais responsáveis. No entanto, Parreira, Pereira, Arreguy-Sena, Salgueiro, Gomes, Marques, Melo, Oliveira, Carvalho e Mónico (2015) e Parreira et al. (2011) alertam para a necessidade de se desenvolverem, não só competências empreendedoras nos estudantes – domínio cognitivo – como também contribuir para o desenvolvimento dos domínios afetivos, social e da personalidade. Apesar da relevância atrás mencionada para o desenvolvimento de competências empreendedoras, são vários os autores que não reconhecem um papel determinante dos efeitos da educação no empreendedorismo (e.g., Collins, Hanges, & Locke, 2004; Davidsson & Honig, 2003; Ertuna & Gurel, 2011; Goedhuys & Sleuwaegen, 2000; Guerrero, Rialp, & Urbano, 2008; Gurel, Altinay, & Daniele, 2010; Thompson, Jones-Evans, & Kwong, 2010; Wu & Wu, 2008).

O empreendedorismo enquanto processo complexo requer uma análise cuidada dos fatores que o influenciam, de que são exemplo os fatores de natureza afetiva, social e de personalidade. Como tal, o ensino do empreendedorismo deve procurar ir além do desenvolvimento de

competências, capacitando o jovem em todos os domínios para a criação do seu próprio emprego. Desta forma, o desejo e comportamento empreendedor podem ser positivamente potenciados pela academia, em especial se seguirem uma abordagem que contemple os diversos fatores enunciados anteriormente.

No mesmo sentido, a literatura predominante neste domínio sugere uma influência globalmente positiva da educação no desenvolvimento de competências empreendedoras, de motivação e de intenção em criar o próprio negócio (Delmar & Davidson, 2000; Hamidi et al., 2008; Testas & Moreira, 2014), podendo estes fatores ditar o sucesso do empreendedor (Kirby, 2004; Mazura & Norasmah, 2011; Pickernel, Packham, Jones, Miller, & Thomas, 2011). Testas e Moreira (2014) sustentam a existência de uma interação entre níveis de educação elevados e a presença de comportamentos empreendedores. Uma vez reconhecido o impacto da educação na manifestação de características empreendedoras é de salientar a importância da promoção do empreendedorismo, seja através de cursos com programas específicos, atividades várias e programas como o Poliempree (Testas & Moreira, 2014). Neste sentido, a academia tem investido no desenvolvimento de competências empreendedoras dos estudantes, constituindo-se como uma Universidade Empreendedora (Parreira et al., 2015; Parreira et al., 2016). Uma academia que verdadeiramente forma, potencia e incentiva de várias formas o desejo de empreender nos seus estudantes, através de iniciativas, programas e concursos que contribuem verdadeiramente para o empreendedorismo – uma academia que alimenta o empreendedorismo.

É incontestável que a capacitação dos jovens com competências empreendedoras contribui para o combate ao desemprego, uma vez que a ação individual empreendedora no percurso de transição para obtenção do primeiro emprego permite responder à disparidade entre as qualificações e as oportunidades e expectativas profissionais (Pinho & Gaspar, 2012; Sousa, 2014). O crescimento económico, a criação de valor e o desenvolvimento da sociedade são outros resultados positivos e desejáveis do empreendedorismo (Parreira et al., 2016; Shane, 2004). Contudo, a criação do próprio emprego sofre influências de diversos fatores e agentes, estando o seu sucesso dependente de aspetos como os recursos e o suporte necessários conseguidos pelos indivíduos (Sousa, 2014).

## **VII - Objetivos**

Este estudo tem como principal objetivo estudar o efeito das oportunidades e dos recursos para empreender no potencial empreendedor de estudantes do Ensino Superior Politécnico Português, controlando os efeitos da preparação académica para o empreendedorismo e o desejo pessoal de empreender. Assim como, compreender quais os fatores que melhor predizem o potencial empreendedor dos estudantes.

O presente estudo vem dar continuidade a uma vasta investigação em empreendedorismo realizada pelas equipas de investigação associadas ao projeto Poliempree. Pretendendo colmatar algumas necessidades

práticas, desenvolver e promover a educação para o empreendedorismo em Portugal, a equipa de investigação tem vindo a analisar outras variáveis complementares relacionadas com o potencial empreendedor. O presente trabalho constitui assim um contributo para um melhor entendimento do empreendedorismo em Portugal que, complementado com os restantes estudos realizados no âmbito do projeto em que se insere e com estudos posteriores, se poderão revelar cruciais para a promoção do empreendedorismo.

## VII - Metodologia

### *Amostra*

A amostra é composta por estudantes de 17 instituições de ensino superior politécnico português associadas ao projeto Poliemprende. A amostra foi constituída por conveniência e estratificada por área de curso (saúde, gestão, tecnologias e ciências sociais) e anos das licenciaturas em cada instituição, bem como por género, condição perante o ensino, estado civil e existência de familiares empresários. Preconizou-se a recolha de 40 questionários por cada ano de licenciatura de cada uma das áreas referidas, obtendo-se uma amostra de 6532 estudantes, com uma média de idades de 22 anos, sendo a idade mínima e máxima, respetivamente, de 17 e 59 anos. A maioria da amostra é do sexo feminino, representando 64% da amostra. Uma descrição detalhada da amostra pode ser consultada no Quadro 1.

**Quadro 5. Caracterização sociodemográfica da amostra**

	Total (N = 6532)	
	N	%
<i>Sexo</i>		
Masculino	2252	34.5
Feminino	4194	64.2
<i>Área do curso</i>		
Saúde	1816	27.8
Tecnológicas	1647	25.2
Ciências sociais	1336	20.5
Gestão	1500	23.0
<i>Ano do curso</i>		
1º	2055	31.5
2º	2218	34.0
3º	1706	26.1
4º	462	7.1
<i>Condições perante o ensino</i>		
Estudante	5359	82.0
Trabalhador estudante	1077	16.5

<i>Estado civil</i>		
Solteiro(a)	5836	89.3
Divorciado(a)	89	1.4
Casado(a)	409	6.3
União de facto	108	1.7
<i>Instituto politécnico</i>		
IP Beja	469	7.2
IP Bragança	255	3.9
IP Castelo Branco	387	5.9
IP Cávado e Vale do Ave	322	4.9
IP Coimbra	513	7.9
IP Guarda	463	7.1
IP Leiria	492	7.5
IP Lisboa	276	4.2
IP Portalegre	150	2.3
IP Porto	448	6.9
IP Santarém	500	7.7
IP Setúbal	405	6.2
IP Viana Castelo	477	7.3
IP Viseu	549	8.4
IP Tomar	187	2.9
ESEnfC	185	2.8
EST-UA Algarve	454	7.0

### *Medidas*

#### *Escala oportunidades e recursos para empreender*

A escala *oportunidades e recursos para empreender*, composta por 22 itens, teve por base o questionário *motivações pessoais e fatores facilitadores do empreendedorismo* desenvolvido por Pereira (2001), sendo validada com a presente amostra por (referencia). Os itens são medidos numa escala de *likert* de 5 pontos (de 1 = pouco importante a 5 = muito importante) agrupando-se em quatro dimensões – *disponibilidade de recursos, estabilidade do negócio, instabilidade económica e política e oportunidades de negócio*, que explicam, respetivamente, 22.38, 19.77, 10.73 e 7.5% da variância total, com base na análise fatorial exploratória realizada com 50% da amostra aleatoriamente formada. A análise fatorial confirmatória efetuada com os remanescentes 50% da amostra apresentou bons índices de ajustamento atendendo ao NFI= .949 (Schumacker & Lomax, 1996) e ao SRMR= .045 (Brow, 2006) e aceitáveis considerando os índices TLI= .945 (Brown, 2006), CFI= .954 (Bentler, 1990) e RMSEA= .050 (Kline, 2011; Marôco, 2014; Schumacker & Lomax, 1996), confirmando a estrutura dimensional encontrada previamente na ACP. A escala apresentou uma boa consistência interna de .92, estimada pelo coeficiente de *alpha de Cronbach*. Os fatores F1, F2 e F3 mostraram uma boa consistência interna ( $\alpha$  de .90, .86 e .83, respetivamente); o fator 4

Oportunidades e Recursos para Empreender e Potencial Empreendedor dos Estudantes do Ensino Superior Politécnico Português

Ana Sofia Marques de Oliveira Pereira Santos (e-mail: asofia.oliveirasantos@gmail.com) 2017

apresentou uma consistência interna aceitável,  $\alpha = .77$  (Nunally, 1978).

#### *Scores compósitos*

No presente estudo, para a análise de intercorrelações e regressão múltipla hierárquica foram constituídos três *scores* compósitos. Adicionalmente, os *scores* potencial empreendedor, desejo de empreender e preparação acadêmica para empreender apresentaram uma boa consistência interna atendendo aos valores .82, .86 e .84, respetivamente.

As questões constituintes dos *scores* fazem parte do questionário desenvolvido por Pereira (2001) e as respostas foram avaliadas numa escala de 1 (pouco importante) a 5 (muito importante).

#### Potencial empreendedor

O *score* potencial empreendedor foi operacionalizado através do somatório das questões – acho o empreendedorismo atrativo, como empreendedor alcançaria os meus objetivos na vida e como empreendedor ficaria satisfeito com o meu trabalho. Os valores de referência mínimos e máximos são de 3 e 15, respetivamente.

#### Preparação académica

O *score* preparação académica para empreender apresentou valores de referência mínimos de 2 e máximos de 10 e foi calculado com base nas questões – o meu curso prepara-me para criar uma empresa própria e o meu curso prepara-me para trabalhar por conta própria (autónomo).

#### Desejo de empreender

O *score* desejo de empreender foi composto pelas questões – o meu desejo relativamente a criar uma empresa própria e o meu desejo relativamente a trabalhar por conta própria (autónomo). Tendo apresentado valores de referência mínimos e máximos de 2 e 10, respetivamente.

#### *Procedimentos*

Os questionários foram distribuídos aos coordenadores do concurso Poliemprende responsáveis pela recolha em cada instituição. No processo de recolha de dados, foram cumpridos os pressupostos éticos de uma investigação, designadamente informação, consentimento informado e anonimato dos participantes. Os estudantes foram também informados de que poderiam, a qualquer momento, desistir da participação.

#### *Tratamento estatístico dos dados*

Os dados foram tratados com a versão 22.0 dos programas IBM SPSS (para o sistema operativo Windows). A existência de *outliers* foi avaliada pela distância quadrada de Mahalanobis (Tabachnick & Fidell, 2013), não tendo sido encontrados valores extremos relevantes. Os *missing-values*, todos MCAR, foram substituídos pelo método *series mean*. As intercorrelações foram realizadas através do coeficiente de correlação de Pearson. A confiabilidade foi calculada pelo *alfa de Cronbach* (Nunally, 1978). A normalidade das variáveis foi avaliada pelos coeficientes de

assimetria ( $Sk$ ) e curtose ( $Ku$ ) uni e multivariadas. Na amostra, os coeficientes de assimetria e curtose não mostraram valores que se afastassem excessivamente dos considerados adequados para a assunção do pressuposto da normalidade (Kline, 2011), dado que os valores de  $Sk < 2$  e de  $Ku < 3$ . Considerou-se para todas as análises uma probabilidade de erro de tipo I de .05.

Todos os pressupostos do modelo foram devidamente testados. O pressuposto da distribuição normal e da homogeneidade de variâncias foram validados graficamente, assim como o pressuposto da independência de erros, validado com a estatística de Durbin-Watson (Marôco, 2014). Paralelamente, e para diagnosticar a multicolinearidade das variáveis preditoras, utilizou-se o VIF, não tendo sido diagnosticados efeitos de colinearidade ( $VIF < 8$ ).

Em relação às análises de regressão, foram testados os pressupostos, utilizando a estatística de Durbin-Watson para testar a independência de erros ( $d = 1.99$  a  $2.03$ ) e o VIF para o diagnóstico de multicolinearidade, tendo sido verificado que não existe colinearidade entre as variáveis preditoras (foram obtidos VIFs de  $1.00$  a  $3.33$ ).

## IX - Resultados

No Quadro 2 apresentam-se as estatísticas descritivas e matriz de intercorrelações das medidas em estudo. O *score* potencial empreendedor foi o que apresentou uma maior pontuação média ( $M = 11.17$ ), situando-se acima do ponto intermédio do *score* (9 valores). Considerando que os valores de referência são os mesmos, verificamos que o potencial empreendedor dos estudantes supera o seu desejo de empreender,  $t(6429) = 146.12$ ,  $p < 0.001$ . O *score* referente à preparação académica, composto apenas por dois itens, apresentou uma pontuação média superior ao ponto intermédio do *score* (5.6 valores). O mesmo não acontece quanto ao *score* desejo de empreender, cuja pontuação média se situa largamente abaixo do ponto intermédio do *score* (9 valores).

O fator instabilidade económica e política foi o que apresentou uma pontuação média mais baixa ( $M = 2.96$ ), situando-se, no entanto, acima do ponto intermédio do fator (2.5 valores).

A matriz de intercorrelações (quadro 2) apresenta, na sua grande maioria, correlações estatisticamente significativas. De acordo com os critérios definidos por Cohen (1988), as correlações demonstraram ser de baixa magnitude entre a escala global e os *scores* compósitos preparação académica para empreender, desejo de empreender e potencial empreendedor (coeficientes  $r = .12$ ,  $r = .29$  e  $r = .15$ , respetivamente).

Quanto às correlações entre os fatores e os *scores* compósitos, as correlações revelaram-se baixas entre a disponibilidade de recursos e o desejo de empreender ( $r = .12$ ) e entre disponibilidade de recursos e o potencial empreendedor ( $r = .27$ ). Os valores obtidos de  $r = .12$ ,  $.17$  e  $.29$  demonstram correlações de magnitude baixa entre a estabilidade do negócio e os três *scores* compósitos (preparação académica, desejo de empreender e potencial empreendedor, respetivamente). A correlação de  $.12$  entre o fator

oportunidades de negócio e potencial empreendedor também se revelou fraca.

Foi desprezível a correlação obtida entre o fator disponibilidade de recursos e o *score* preparação académica para empreender ( $r = .10$ ). As correlações obtidas entre o fator instabilidade económica e política e os *scores* preparação académica para empreender ( $r = .02$ ), desejo de empreender ( $r = .02$ ) e potencial empreendedor ( $r = .07$ ) também se revelaram com efeito praticamente nulo, assim como a correlação entre o fator oportunidades de negócio e os *scores* preparação académica para empreender ( $r = .10$ ) e desejo de empreender ( $r = .07$ ).

A correlação referente à instabilidade económica e política e à preparação académica para empreender não se revelou estatisticamente significativa ( $r = .02$ ). O mesmo acontece com a correlação encontrada entre a instabilidade económica e política e o desejo de empreender ( $r = .02$ ).



Quadro 6. Médias, desvios-padrão e matriz de intercorrelações entre as medidas em estudo

	Valores de referência	Min	Max	M	DP	A	1	F1	F2	F3	F4	2	3	4
1- Escala Global	1-5	1	5	3.67	.54	.92	1	.82** (.67)	.89** (.79)	.50** (.25)	.57** (.32)	.12** (.01)	.29** (.08)	.15** (.02)
F1- Disponibilidade de recursos	1-5	1	5	3.86	.68	.89	1		.67** (.45)	.15** (.02)	.27** (.07)	.10** (.01)	.12** (.01)	.27** (.07)
F2- Estabilidade do negócio	1-5	1	5	3.82	.60	.87	1			.22** (.05)	.39** (.15)	.12* (.01)	.17** (.03)	.29** (.08)
F3- Instabilidade económica e política	1-5	1	5	2.96	1.06	.81	1				.42** (.18)	.02 (.00)	.02 (.00)	.07** (.00)
F4- Oportunidades de negócio	1-5	1	5	3.28	.95	.78	1					.10** (.01)	.07** (.00)	.12** (.01)
2- Preparação académica para empreender	2-10	2	10	6.11	1.97	.84	1					1	.42** (.18)	.22** (.05)
3- Desejo de empreender	3-15	2	10	6.63	2.27	.86	1					1		.35** (.12)
4- Potencial empreendedor	3-15	3	15	11.17	2.11	.82	1					1		1

\* $p \leq 0.05$ ; \*\* $p \leq 0.01$ ; \*\*\* $p \leq 0.001$

*Efeito preditivo das oportunidades e recursos para empreender no potencial empreendedor, controlando os efeitos da preparação académica e do desejo de empreender*

Com o intuito de compreender a capacidade preditora do potencial empreendedor, realizámos uma análise de regressão múltipla hierárquica (quadro 3), considerando como variáveis predictoras os *scores* compósitos preparação académica para empreender, desejo de empreender e oportunidades e recursos para empreender.

O modelo 1 ( $F_{(1;6428)}=317.76$ ;  $p<.01$ ), cujo preditor é a preparação académica ( $\beta_{PE\_PA}=.22$ ;  $p<.01$ ), explicou 5% do potencial empreendedor da amostra representada ( $R^2_{aj,Mod.1}=.05$ ;  $p<.01$ ). Quando foi acrescentado o preditor desejo de empreender ( $\beta_{PE\_DE}=.01$ ;  $p<.01$ ) à preparação académica ( $\beta_{PE\_PA}=.01$ ;  $p<.01$ ), o modelo 2 ( $F_{(1;6427)}=617.92$ ;  $p<.01$ ), passou a explicar 13% da variância ( $R^2_{aj,Mod.2}=.13$ ;  $p<.01$ ), explicando os preditores significativos da mesma maneira o potencial empreendedor.

Quanto ao modelo 3 ( $F_{(4;6423)}=120.90$ ;  $p<.01$ ), foram acrescentados os fatores da escala global enquanto preditores, este explicou 19% do potencial empreendedor ( $R^2_{aj,Mod.3}=.19$ ;  $p<.01$ ). As variáveis preparação académica ( $\beta_{PE\_PA}=.07$ ;  $p<.01$ ), desejo de empreender ( $\beta_{PE\_DE}=.29$ ;  $p<.01$ ), estabilidade do negócio ( $\beta_{PE\_EN}=.14$ ;  $p<.01$ ) e disponibilidade de recursos ( $\beta_{PE\_DR}=.13$ ;  $p<.01$ ) revelaram-se importantes preditores positivos do potencial empreendedor. Por outro lado, as variáveis instabilidade económica e política ( $\beta_{PE\_IEP}=.02$ ;  $p=.19$ ) e oportunidades de negócio ( $\beta_{PE\_DE}=.00$ ;  $p=.99$ ) não se revelaram significativas na previsão do potencial empreendedor.

Assim, no modelo do Potencial Empreendedor em análise, o desejo de empreender ( $\beta_{PE\_DE}=.29$ ;  $p<.01$ ) revelou-se como sendo o melhor preditor.

**Quadro 7. Regressão Múltipla Hierárquica do potencial empreendedor previsto a partir das oportunidades e dos recursos para empreender, controlando o efeito da preparação académica e do desejo de empreender**

Preditores	$r^2$	$r^2$	$\Delta$	$B$	$SE$	$\beta$	$t$	$F$
		$_{aj}$	$_{r^2}$					
<i>Modelo 1</i>	.05	.05	-					317.76***
Preparação académica				.23	.01	.22	17.83***	
<i>Modelo 2</i>	.13	.13	.08					617.92***
Preparação académica				.09	.01	.01	.08***	
Desejo de empreender				.30	.01	.01	.32***	
<i>Modelo 3</i>	.19	.19	.06					120.90***
Preparação académica				.07	.01	.07	5.26***	
Desejo de empreender				.27	.12	.29	23.00***	
Disponibilidade de recursos				.39	.05	.13	8.34***	
Estabilidade do				.50	.06	.14	8.94***	

negócio				
Instabilidade económica e política	.03	.03	.02	1.32
Oportunidades de negócio	.00	.03	.00	.02

\* $p \leq 0.05$ ; \*\* $p \leq 0.01$ ; \*\*\* $p \leq 0.001$

### X - Discussão

O presente estudo tinha como principal objetivo compreender a relação entre as perceções dos estudantes do ensino superior politécnico português acerca das *oportunidades* e dos *recursos para empreender* e o potencial empreendedor destes. Tendo em conta que a revisão da literatura encetada sobre a temática nos levou a concluir que não existe, em Portugal até à data e que tenhamos conhecimento, estudos acerca da relação entre os referidos constructos, optámos pela sua investigação. Com efeito, foi esta lacuna na investigação em Portugal que motivou e norteou os objetivos da investigação que aqui damos conta. Tendo isto em mente, foi nosso objetivo contribuir para aprofundar o conhecimento e a investigação neste domínio, testando algumas relações entre as referidas variáveis. Acreditamos que os resultados obtidos contribuem com informações relevantes e válidas, quer para a academia, quer para a investigação neste domínio. Mais especificamente, os resultados obtidos através da análise de intercorrelações permitem-nos observar a existência de correlações muito próximas de valores considerados como moderados entre as variáveis estudadas. Mais concretamente, a relação entre os fatores disponibilidade de recursos ( $r=.27$ ) e estabilidade do negócio ( $r=.29$ ) e o potencial empreendedor revelaram valores próximos dos considerados pela literatura como moderados (Cohen, 1988). As restantes correlações entre os fatores que constituem as escalas que medem as variáveis referidas e o potencial empreendedor dos estudantes, apesar de se terem revelado estatisticamente significativas, apresentaram uma magnitude de correlação baixa.

Foi ainda estudada a relação entre os fatores *oportunidades e recursos para empreender* e os *scores* preparação académica para empreender e desejo de empreender. Neste âmbito, a maior correlação encontrada apresentou o valor de .29 e diz respeito à relação entre a escala global e o desejo de empreender. As restantes correlações entre a escala global, os fatores e os *scores* compósitos preparação académica para empreender e desejo de empreender revelaram-se baixas e/ou nulas.

Com o intuito de compreender a capacidade preditiva das variáveis investigadas no potencial empreendedor dos estudantes foi realizada uma regressão múltipla hierárquica. Os resultados obtidos a partir da referida análise permitem-nos concluir que as variáveis *preparação académica*, *desejo de empreender*, *estabilidade do negócio* e *disponibilidade de recursos* se apresentam como importantes preditores do potencial empreendedor dos estudantes inquiridos. No entanto, as variáveis *instabilidade económica e política* e *oportunidades de negócio* não se revelaram significativas. Os

resultados indicam que o desejo de empreender ( $\beta_{PE\_DE}=.29$ ;  $p<.01$ ) se assume como o melhor preditor do potencial empreendedor, seguido da estabilidade do negócio ( $\beta_{PE\_EN}=.14$ ;  $p<.01$ ) e da disponibilidade de recursos ( $\beta_{PE\_DR}=.13$ ;  $p<.01$ ). Em suma, os resultados obtidos sugerem que o potencial empreendedor é em grande medida influenciado pelo desejo de empreender, pela estabilidade do negócio e ainda pela percepção da disponibilidade de recursos, por parte dos estudantes.

A literatura revista tende a corroborar os resultados encontrados na presente investigação. Com efeito, a situação económica é apontada como o fator mais influente no comportamento empreendedor (Qian & Miao, 2016). No entanto, e apesar de os resultados obtidos sugerirem a percepção da disponibilidade de recursos como um dos fatores mais fortemente associados ao potencial empreendedor, os resultados não nos permitem confirmar totalmente a influência da estabilidade económica sobre o mesmo. Por seu turno, os resultados parecem confirmar a relação entre a preparação académica e o potencial empreendedor. De acordo com Bergh, Thorgren e Wincent (2011) a educação possibilita aos jovens uma melhor percepção das suas competências e de como explorar as oportunidades. Nesse sentido, a educação, as experiências e a cultura, ou seja, as variáveis contextuais, podem contribuir para o desenvolvimento, quer de competências empreendedoras, quer do desejo de empreender (Testas & Moreiras, 2014; Souza et al., 2016; Volkmann, 2004). Os resultados sugerem ainda a importância da estabilidade do negócio para o potencial empreendedor. De acordo com Parreira et al. (2011) entre os fatores contextuais destacados por empreendedores a nível nacional encontram-se a obtenção de lucros, os incentivos, os clientes e ainda o conhecimento da concorrência, que se encontram em consonância com os resultados por nós encontrados, especificamente no que respeita à variável *estabilidade do negócio*.

A investigação realizada permitiu-nos dar resposta às questões colocadas inicialmente. O empreendedorismo, enquanto constructo complexo, está dependente de outros fatores tal como sugerem os resultados obtidos e indo ao encontro da literatura. Não obstante a forte carga das características do indivíduo para o desejo de empreender, este pode ser potenciado pela preparação académica. A academia desempenha um importante papel dado que capacita os jovens com competências nos domínios da comunicação, gestão, estratégia empresarial, conhecimentos na gestão de recursos humanos e de instrumentos de apoio financeiro que poderão contribuir para a criação do negócio. A percepção por parte dos jovens das suas competências e da disponibilidade de recursos existentes para criar o seu próprio negócio poderá ser impulsionadora do desejo de empreender. A melhor preparação dos estudantes contribui para fazer face ao receio de arriscar que, de certo modo, caracteriza a população portuguesa e que consiste num dos fatores que restringem o empreendedorismo (GEM, 2013). A cultura aversa ao risco reforça a importância atribuída aos fatores estabilidade do negócio e disponibilidade de recursos. Por sua vez, a percepção de oportunidades e a instabilidade económica e política podem não ser valorizadas pelos jovens empreendedores visto que o empreendedorismo

está fortemente associado a criatividade, desafio e risco. Adicionalmente, a instabilidade e falta de oportunidades poderá ser o motor para levar a cabo o desejo de criar o próprio emprego.

A reflexão acerca da importância e das implicações destas conclusões é um importante contributo, na medida em que possibilita uma melhoria da promoção do empreendedorismo através da obtenção de uma visão mais clara dos fatores valorizados pelos jovens em Portugal relativamente ao empreendedorismo.

Considerando os resultados obtidos torna-se ainda relevante refletir acerca de algumas questões, tais como, dependerão os jovens de sensação de segurança para arriscarem a criar o seu próprio emprego? Existe um perfil de competências necessárias para empreender?

Sintetizando, os resultados encontrados reforçam a importância das variáveis contextuais referidas e da educação (papel da academia) para a criação de novos negócios (para o potencial empreendedor). Consideramos ainda pertinente enfatizar a importância do ensino, nomeadamente ao nível da implementação nos currículos de algumas disciplinas com aspetos ligados ao empreendedorismo e às iniciativas de criação de projetos, que contribuam para o desenvolvimento das competências e do potencial empreendedor dos jovens.

Por fim, apresentamos possíveis limitações ao nosso estudo. A recolha dos dados do estudo via questionário autoadministrado constitui a principal limitação do estudo, no entanto, este aspeto também apresenta simultaneamente algumas vantagens. A garantia de anonimato, confidencialidade e privacidade, e ampla obtenção de respostas no seio da comunidade estudantil do ensino politécnico português, constituem as principais vantagens. Não obstante a vasta dimensão da amostra, a sua especificidade constitui igualmente uma desvantagem, sendo a amostra apenas representativa dos estudantes do ensino superior politécnico português. No que respeita à participação na investigação, e sendo a resposta ao questionário voluntária, poderá ter existido uma maior tendência para os jovens com maior interesse no tema terem respondido (Alferes, 1997).

Não obstante as limitações apresentadas, consideramos que o estudo é uma mais-valia para a comunidade científica e académica. Adicionalmente, o trabalho desenvolvido pelo grupo de investigação no âmbito do projeto Poliemprende (Parreira, Silva, Carvalho, & Mónico, *in press*; Parreira, Santos, Carvalho, & Mónico, *in press*; Parreira, Ribeiro, Mónico, & Carvalho, *in press*; Parreira, Silva, Mónico, & Carvalho, *in press*; Parreira, Ribeiro, Carvalho, & Mónico, *in press*; Parreira, Riscado, Carvalho, & Mónico, *in press*) apresenta conclusões e repercussões práticas que podem contribuir para o desenvolvimento do empreendedorismo no ensino e no mercado de trabalho.

### **Conclusões**

É consensual a importância da atividade empreendedora no desenvolvimento de um país, podendo representar uma solução face à conjuntura económica atual. Nesse sentido, a academia desempenha um

papel de destaque na promoção do empreendedorismo, capacitando os jovens através da inserção de disciplinas de empreendedorismo nos currículos e da participação em programas que visem a capacitação e fomento do empreendedorismo jovem.

A investigação realizada pretende contribuir para a expansão do conhecimento no domínio do empreendedorismo e educação em Portugal. A revisão de literatura encetada permitiu-nos dar conta da influência de diversas variáveis no desenvolvimento de competências empreendedoras e do potencial empreendedor dos estudantes. Nesse sentido, a inexistência, em Portugal, de instrumentos de medida que permitam avaliar características específicas no empreendedorismo e de investigação que verse sobre a relação de constructos específicos, como as influências contextuais no potencial empreendedor, reforça a importância de estudar esta temática.

A criação de um instrumento devidamente adaptado e validado para a população portuguesa é um relevante contributo, possibilitando compreender melhor as influências sobre o empreendedorismo.

No que respeita ao estudo do potencial empreendedor e dos fatores que estão na sua base, os resultados obtidos revelam-se consonantes com a literatura, enfatizando a importância de variáveis contextuais e da educação para a criação de novos negócios. A análise realizada permite-nos concluir que os preditores *preparação académica*, *desejo de empreender*, *estabilidade do negócio* e *disponibilidade de recursos* se apresentam como importantes preditores do *potencial empreendedor*. Nesse sentido, a educação e as variáveis contextuais possibilitam uma melhor compreensão por parte do indivíduo das suas competências, da possibilidade de explorar as oportunidades e o aumento do desejo de empreender.

A importância da educação para o desenvolvimento do empreendedorismo alerta-nos para a necessidade de investigação neste âmbito de forma a colmatar as reais necessidades dos estudantes, das economias e dos mercados, tendo em vista uma efetiva preparação dos futuros empreendedores. Por tudo o que até agora foi referido é incontestável a complexidade inerente ao empreendedorismo, e que a sua análise e compreensão requer uma visão holística do processo, reforçando a necessidade de futuras investigações.

Em suma, a validação da escala *oportunidades e recursos para empreender* e a análise da relação entre os fatores contextuais e o potencial empreendedor são os principais contributos deste trabalho que advém das aplicações práticas e a geração de valor resultantes da investigação em empreendedorismo até agora realizada no âmbito do projeto Poliemprende.

### **Bibliografia**

Acs, Z. (1994). *Regional innovation, knowledge and global change*. London: Pinter.

Aldrich, H. (2000). *Organizations evolving*. Beverly Hills: Sage.

Aldrich, H., & Zimmer, C. (1986). Entrepreneurship through social networks. In D. Sexton, & R. Smile (Eds.), *The art and science of entrepreneurship* (pp. 3-33). Cambridge, MA: Ballinger.

Oportunidades e Recursos para Empreender e Potencial Empreendedor dos Estudantes do Ensino Superior Politécnico Português  
Ana Sofia Marques de Oliveira Pereira Santos (e-mail: asofia.oliveirasantos@gmail.com) 2017

Aldrich, H., Rozen, B. & Woodward, W. (1987). The impact of social Networks on business foundings and profit: A longitudinal study. In J. Churchil (Eds.), *Frontiers of Entrepreneurship Research* (pp. 154-168). Wellesley: Babson College.

Alferes, V. (1997). *Encenações e comportamentos sexuais. Para uma psicologia social da sexualidade*. Porto: Afrontamento.

Anderson, A., Jack, S., & Drakopoulou-Dodd, S. (2005). The role of family members in entrepreneurial networks: Beyond the boundaries of the family firm. *Family Business Review*, 18(2), 135-154.

Arbuckle, J. (2010). *IBM SPSS amos 19 user's guide*. Chicago, IL: IBM.

Armington, C. & Acs, Z. (2002). The determinants of regional variation in new firm formation. *Regional Studies*, 36(1), 33-45.

Bagheri, A., & Pihie, Z. (2010). Entrepreneurial leadership learning: in search of missing links. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 7, 470-479.

Bagozzi, R., & Yi, Y. (1988). On the evaluation of structural equation models. *Journal of the Academy of Marketing Science*, 16, 74-94.

Baumol, W. (1990). *Entrepreneurship*. *Journal of Political Economics*, 98(5), 893-921.

Bentler, P. (1990). Quantitative methods in psychology: Comparative fit indexes in structural models. *Psychological Bulletin*, 107, 238-246.

Bergh, P., Thorgren, S., & Wincent, J. (2011). Entrepreneurs learning together: the importance of building trust for learning and exploiting business opportunities. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 7(1), 17-37.

Bollen, K. (1986). Sample size and Bentler and Bonett's nonnormed fit index. *Psychometrika*, 51, 375-377.

Borges, W., Mondo, T., & Machado, H. (2016). A influência do meio sobre o empreendedorismo a partir das dimensões normativa, regulativa e cognitiva. *Pretexto*, 17(2), 66-80.

Bourdieu, P. (1997). The forms of capital. In A. Halsey, H. Lauder, P. Brown, & A. Stuart Wells (Eds.), *Education: Culture, economy and society* (pp. 46-58). Oxford: Oxford University Press.

Brinkley, I. (2008) *The knowledge economy: How knowledge is reshaping the economic life of nations*. London: The Work Foundation.

Brock, W., & Evans, D. (1989). Small business economics. *Small Business Economics*, 1(1), 7-20.

Brown, T. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: The Guilford Press.

Bryman, A., & Cramer, D. (1993). *Análise de dados em ciências sociais: Introdução às técnicas utilizando o SPSS* (2ª ed.). Oeiras: Celta.

Bucha, A. (2009). *Empreendedorismo, aprender a saber ser empreendedor* (1ª ed.). Lisboa: Editora RH.

Bulut, Y., & Sayin, E. (2010). An evaluation of entrepreneurship characteristics of university students: An empirical investigation from the faculty of economic and administrative sciences in Adnan Menderes

- University. *International Journal of Economic Perspectives*, 4(3), 559-568.
- Bygrave, W. (2003). The entrepreneurial process. In W. Bygrave, & A. Zacharakis (Eds.), *The Portable MBA in Entrepreneurship* (pp. 1-27). New York: John Wiley and Sons.
- Cantillon, R. (1755). *Essay on the nature of commerce*. London: Macmillan.
- Carayannis, E. (2014). Managing the entrepreneurial process: The relationship between universities and early entrepreneurship. In M. Giudice, M. Peruta, & E. Carayannis (Eds.), *Student entrepreneurship in the social knowledge economy: Successful cases and management practices* (pp. 13-22). New York: Springer International Publishing Switzerland.
- Carsud, A., & Johnson, R. (1989). Entrepreneurship: A social psychological perspective. *Entrepreneurship & Regional Development*, 1(1), 21-32.
- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioural Sciences* (2<sup>a</sup> ed.). New York: Academic Press.
- Collins, C., Hanges, P., & Locke, E. (2004). The relationship of achievement motivation to entrepreneurial behavior: A meta-analysis. *Human Performance*, 17(1), 95-117.
- Comissão das Comunidades Europeias. (2003). *Livro verde: Espírito empresarial na europa*. Bruxelas. Retirado de <http://europedirect.ipsantarem.pt/Grupos/Noticias/lvee.pdf>
- Comissão das Comunidades Europeias. (2006). *Aplicar o Programa Comunitário de Lisboa: Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem*. Retirado de <http://www.ore.org.pt/filesobservatorio/pdf/EspiritoEmpreendedor.pdf>
- Couto, J., & Tiago, M. (2009). Propensity for entrepreneurship among university students. *The Business Review*, 12(1), 308-316.
- Davidsson, P., & Honig, B. (2003). The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. *Journal of Business Venturing*, 18(3), 301-331.
- Delmar, F., & Davidson, P. (2000). Where do they come from? Prevalence and characteristics of nascent entrepreneurs. *Entrepreneurship and regional development*, 12, 1-23.
- Duarte, C., & Esperança, J. (2012). *Empreendedorismo e planeamento financeiro - Transformar oportunidades em negócios. Criar micro, pequenas e médias empresas* (1<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Engle, R., Schlaegel, C., & Dimitriadi, N. (2011). Institutions and entrepreneurial intent: A cross-cultural study. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, 16(2), 227-250.
- Ertuna, Z., & Gurel, E. (2011). The moderating role of higher education on entrepreneurship. *Education + Training*, 53(5), 387-402.
- Evans, D., & Leighton, L. (1989). The determinants of changes in US self-employment. *Small Business Economics*, 1, 111- 119.
- Fayolle, A., & Liñán, F. (2014). The future of research on entrepreneurial intentions. *Journal of Business Research*, 67(5), 663-666.
- Fayolle, A., Gailly, B., & Lassas-Clerc, N. (2006). Assessing the



impact of entrepreneurship education programmes: A new methodology. *Journal of European Industrial Training*, 30(8/9), 701-720.

Ferreira, M., Santos, J., & Serra, F. (2010). *Ser empreendedor - Pensar, criar e moldar a nova empresa* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Fini, R., Grimaldi, R., Marzocchi, G., & Sobrero, M. (2009). *The foundation of entrepreneurial intention*. Retirado de <http://www2.druid.dk/conferences/viewpaper.php?id=5955&cf=32>

Fornell, C., & Larcker, D. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39-50.

Freeman, P., & Barron, E. (2006) *Managing student intellectual property*. Birmingham: National Council for Graduate Entrepreneurship.

Friedlander, F., & Pickle, H. (1968). Components of effectiveness in small organization. *Administrative Science Quarterly*, 13(2), 289-304.

Gartner, W. (1975). A conceptual framework for describing the phenomenon of new venture creation. *Academy of Management Review*, 10(4), 596-708.

Gartner, W. (2001). Is there an elephant in entrepreneurship? Blind assumptions in theory development. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 25(4), 27-39.

Gibson, D., & Smilor, R. (1991). Key variables in technology transfer: A field study based empirical analysis. *Journal of Engineering and Technology Management*, 8(3/4), 287-312.

Global Entrepreneurship Monitor. (1999). *1999 Executive Report*. Retirado de <http://www.gemconsortium.org>

Global Entrepreneurship Monitor. (2010). *GEM Portugal 2010 - Estudo sobre o empreendedorismo*. Retirado de <http://www.gemconsortium.org>

Global Entrepreneurship Monitor. (2013). *GEM Portugal 2013 – 2004-2013: Uma década de empreendedorismo em Portugal*. Retirado em 28/12/2016 no World Wide Web: <http://www.gemconsortium.org>

Goedhuys, M., & Sleuwaegen, L. (2000). Entrepreneurship and growth of entrepreneurial firms in cote d'Ivoire. *Journal of Development Studies*, 36(3), 123-145.

Gorsuch, R. (1983). *Factor analysis* (2ª ed.). Hillsdale: Erlbaum.

Greene, F., & Saridakis, G. (2007). *Understanding the factors influencing graduate entrepreneurship* (Research Report 001/2007). Birmingham, UK: National Council for Graduate Entrepreneurship.

Guerrero, M., Rialp J., & Urbano, D. (2008). The impact of desirability and feasibility on entrepreneurial intentions: A Structural Equation Model. *International Entrepreneurship Management Journal*, 4(1), 35-50.

Gurel, E., Altinay, L., & Daniele, R. (2010). Tourism students' entrepreneurial intentions. *Annals of Tourism Research*, 43(3), 646-669.

Hair, J., Anderson, R., Tatham, R., & Black, W. (2008). *Multivariate data analysis* (7ª ed.). Pearson Prentice-Hall.

Hair, J., Black, W., Babin, B., & Anderson, R. (2010). *Multivariate*

*data analysis*. New Jersey: Prentice Hall.

Hamidi, D., Wennberg, K., & Berglund, H. (2008). Creativity in entrepreneurship education. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 15(2), 304-320.

Hill, M., & Hill, A. (2012). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

Karabulut, A. (2016). Personality Traits on Entrepreneurial Intention. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 229, 12-21.

Katz, J. (2003). The chronology and intellectual trajectory of American entrepreneurship education: 1876-1999. *Journal of Business Venturing*, 18(2), 283.

Kibler, E., & Kautonen, T. (2016). The moral legitimacy of entrepreneurs: an analysis of early-stage entrepreneurship across 26 countries. *International Small Business Journal*, 34(1), 34-50.

Kirby, D. (2004). Entrepreneurship education: can business schools meet the challenge?. *Education + Training*, 46(8/9), 510-519.

Klandt, H. (2004). Entrepreneurship education and research in german-speaking europe. *Academy of Management Learning & Education*, 3(3), 293-301.

Kline, R. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling* (3<sup>a</sup> ed.). New York: The Guilford Press.

Knorr, H., Alvarez, C., & Urbano, D. (2013). Entrepreneurs or employees: a cross-cultural cognitive analysis. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 9(2), 273-294.

Kurato, D., & Hodgetts, R. (2001). *Entrepreneurship: a contemporary approach* (5<sup>a</sup> ed.). Orlando: Harcourt.

Lichtenstein, G., & Lyons, T. (2001). The entrepreneurial development system: transforming business talent and community economies. *Economic Development Quarterly*, 15(1), 3-20.

Liñán, F., & Fayolle, A. (2015). A systematic literature review on entrepreneurial intentions: citation, thematic analyses, and research agenda. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 11(4), 907-933.

Lindsay, N., Lindsay, W., & Kropp, F. (2008). *Values, attitudes, and start-up intentions of necessity-based nascent entrepreneurs*. Conference presentation at Babson College Entrepreneurship Research Conference, Chapel Hill, NC.

Lobato, P., & Carmo, D. (2009). Estudo do potencial empreendedor dos académicos do 7º período do curso de educação física da universidade federal de viçosa. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 9(2), 83-96.

Lorz, M., Mueller, S., & Volery, T. (2013). Entrepreneurship education: A systematic review of the methods in impact studies. *Journal of Enterprising Culture*, 21(2), 123-151.

Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS statistics* (5<sup>a</sup> ed.). Lisboa: ReportNumber.

Matlay, H. 2008. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial outcomes. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 15(2), 382-396.

Mazura, M., & Norasmah, O. (2011). Consulting-based entrepreneurship education in Malaysian higher education institutions. *International Conference on Social Science and Humanity*, 5, 163-167.

McClelland, D. (1961). *The achieving society*. New York: Free Press.

Mustapha, M. & Selvaraju, M. (2015). Personal attributes, family influences, entrepreneurship education and entrepreneurship inclination among university students. *Kajian Malaysia*, 33(1), 155-172.

Mwasalwiba, E. (2010). Entrepreneurship education: A review of its objectives, teaching methods, and impact indicators. *Education & Training*, 52(1), 20-47.

Nayab, N. (2011). *Understanding Timmons model of entrepreneurship*. New York: Brighthub.

Nazir, M., & Ramzan, M. (2012). Contribution on entrepreneurship in economic growth. Interdisciplinary. *Journal of Contemporary Research in Business*, 4(3), 273-294.

Nijkamp, P. (2003). Entrepreneurship in a modern network economy. *Regional Studies*, 37(4), 395-405.

North, D. (2005). Institutions and the process of economic change. *Management International*, 9(3), 1-10.

Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory* (2<sup>a</sup> ed.). New York: McGraw-Hill.

Parreira, P., Pereira, F., & Brito, N. (2011). *Empreendedorismo e motivações empresariais no ensino superior* (1<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Parreira, P., Pereira, F., Arreguy-Sena, C., Salgueiro, A., Gomes, A., Marques, S., Melo, R., Oliveira, D, Carvalho, C., & Mónico, L. (2015). Representações sociais do empreendedorismo: o papel da formação na aquisição de competências empreendedoras. *Revista Ibero-Americana de Saúde e Envelhecimento*, 3(1), 266-285.

Parreira, P., Ribeiro, F., Carvalho, C., & Mónico, L. (in press). Empreendedorismo no ensino superior politécnico português: A relação entre o potencial empreendedor e os incentivos ao empreendedorismo controlando os efeitos da preparação académica para empreender. In C. Carvalho, P. Parreira e L. Mónico (org.), *Organizações, Trabalho, Saúde, Recursos Humanos e Gestão*.

Parreira, P., Riscado, A., Carvalho, C., & Mónico, L. (in press). Empreendedorismo no Ensino Superior Politécnico Português: o impacto da auto-eficácia no potencial empreendedor. In C. Carvalho, P. Parreira e L. Mónico (org.), *Organizações, Trabalho, Saúde, Recursos Humanos e Gestão*.

Parreira, P., Salgueiro-Oliveira, A., Castilho, A., Melo, R., Graveto, J., Gomes, J., Vaquinhas, M., Carvalho, C., Mónico, L., & Brito, N. (2016). Entrepreneurial Motivations Questionnaire: AFC and CFA in academy. *BMC Health Services Research*, 16(3), 31.

Parreira, P., Santos, A., Carvalho, C., & Mónico, L. (in press). Empreendedorismo no ensino superior: estudo psicométrico da escala de oportunidades e recursos para empreender. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*. Manuscrito submetido para publicação.

Parreira, P., Silva, S., Carvalho, C., & Mónico, L. (*in press*). Empreendedorismo no ensino superior: Estudo psicométrico da escala de motivações empreendedoras. *Análise Psicológica*. Manuscrito submetido para publicação.

Parreira, P., Silva, S., Mónico, L., & Carvalho, C. (*in press*). Potencial empreendedor dos estudantes do ensino superior politécnico português: o impacto das motivações empreendedoras controlando os efeitos da preparação académica e desejo de empreender. In C. Carvalho, P. Parreira e L. Mónico (org.), *Organizações, Trabalho, Saúde, Recursos Humanos e Gestão*.

Parreira, P., Teixeira, F., Mónico, L., & Carvalho, C. (*in press*). Empreendedorismo no ensino superior: Estudo psicométrico da escala dos incentivos ao empreendedorismo. *Revista de Enfermagem*. Manuscrito submetido para publicação

Pereira, F. (2001). *A representação social do empresário, fatores de criação de empresas*. Edições Sílabo.

Pickernell, D., Packham, G., Jones, P., Miller, C., & Thomas, B. (2011). Graduate entrepreneurs are different: They access more resources? *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 17(2), 183-202.

Pinho, L., & Gaspar, F. (2012). Intenção empreendedora dos estudantes no ensino superior politécnico em Portugal. *Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica*, 22, Vila Real.

Qian, S., & Miao, C. (2016). How perception, knowledge, and cultural values influence entrepreneurs' fear: A multi-level investigation. *Academy of Entrepreneurship Journal*, 22(2), 29-38.

Raposo, M., Paço, A., & Ferreira, J. (2008). Entrepreneur's profile: A taxonomy of attributes and motivations of university students. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 15(2), 405-418.

Sahasranamam, S., & Sud, M. (2016). Opportunity and necessity entrepreneurship: A comparative study of india and china. *Academy of Entrepreneurship Journal*, 22(1), 21-40.

Santos, P. (2008). Uma escala para identificar potencial empreendedor (Tese de doutoramento não publicada). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Santos, S., Caetano, A., & Curral, L. (2010). Atitude dos estudantes universitários face ao empreendedorismo. Como identificar o potencial empreendedor? *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 9(4), 2-14.

Saraiva, P. (2011). *Empreendedorismo - Do conceito à aplicação, da ideia ao negócio, da tecnologia ao valor* (2ª ed.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Sarkar, S. (2010). *Empreendedorismo e Inovação*. Lisboa: Escolar Editora.

Saywell, T. (2002). Singapore adventure story. *Far Eastern Economic Review*, 165(41), 62-63.

Schmidt, S., & Bohnenberger, M. (2009). Perfil empreendedor e desempenho organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*,

13(3), 450-467.

Schumacker, R., & Lomax, R. (1996). *A beginner's guide to structural equation modeling*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Sexton, D., & Landstrom, H. (2000). *The blackwell handbook of entrepreneurship*. Malden, MA: Blackwell Publishing.

Shah, R., Gao, Z., & Mittal, H. (2015). *Innovation, entrepreneurship, and the economy in the US, China, and India: Historical perspectives and future trends*. London: Academic Press.

Shane, S. (2004). *Academic Entrepreneurship: University Spinoffs and Wealth Creation*. Edward Elgar, Cheltenham.

Shapiro, A. (1984). The entrepreneurial event. In C. Kent (Eds.), *The environment for entrepreneurship* (pp. 21-40). Lexington, Mass: Lexington Books, D.C. Heath and Company.

Shapiro, A., & Sokol, L. (1982). The social dimensions of entrepreneurship. In *The Encyclopedia of entrepreneurship*, (pp72-90). Englewood Cliffs: Prentice Hall.

Shinnar, R., Pruett, M., & Toney, B. (2009). Entrepreneurship education: Attitudes across campus. *Journal of Education for Business*, 84(3), 151-159.

Sousa, L. (2014). Empreendedorismo e ensino superior politécnico: Contornos de implementação do programa poliempreende. *Egitania Scientia*, 14, 102-127.

Souza, G., Santos, P., Lima, N., Cruz, N., & Lezana, A. (2016). Entrepreneurial potential and success in business: A study on elements of convergence and explanation. *Mackenzie Management Review*, 17(5), 188-215.

Tabachnick, B., & Fidell, L. (2013). *Using multivariate statistics*. New Jersey: Pearson Education.

Taylor, J. (2006). What makes a region entrepreneurial?: A review of the literature. Center for economic development, Maxine Goodman Levin College of Urban Affairs. *Cleveland State University*, 1-21.

Testas, C., & Moreira, F. (2014). O Empreendedorismo no ensino superior. *Gestão e Desenvolvimento*, 22, 139-163.

Thompson, P., Jones-Evans, D., & Kwong, C. (2010). Entrepreneurship amongst Minority Language Speakers: The Case of Wales. *Regional Studies*, 45(2), 219-238.

Timmons, J., Zacharakis, A., & Spinelli, S. (2004). *Business plans that work: A guide for small business*. McGraw Hill.

Urbano, D., & Alvarez, C. (2014). Institutional dimensions and entrepreneurship activity: An international study. *Small Business Economics*, 42(4), 703-716.

Volkman, C. (2004). Entrepreneurial studies in higher education. *Higher Education in Europe*, 29(2), 177-185.

Wu, S., & Wu, L. (2008). The impact of higher education on entrepreneurial intentions of university students in China. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 15(4), 752-774.